

36

# ALMANAQUE

ON-LINE



MARÇO | 2026

**Termos da relação sexual:  
ilusão, amor e sintoma**



INSTITUTO DE PSICANÁLISE E  
SAÚDE MENTAL DE MINAS GERAIS

# Editorial



**Maria Rita Guimarães**

Psicanalista

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP)  
e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

E-mail: mariarita.guimaraes@gmail.com

Querido leitor de *Almanaque On-line*

Eis uma nova edição da revista: a de número 36. Com ela, inaugura-se um novo espaço, exclusivo para *Almanaque On-line*. Espaço pensado e construído para receber sua presença, seu tempo de leitura e seu amor de transferência aos textos que nos legaram Freud e Lacan – primeiramente –, seguidos da escrita, cada um com seu estilo, de colegas analistas da comunidade lacaniana, que se orientam pelo esforço inestimável de Jacques Alain-Miller. O Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais (IPSM-MG), responsável pela publicação de *Almanaque On-line*, agradece a cada trabalhador pela causa psicanalítica de orientação lacaniana.

Este espaço, portanto, está habilitado como prolongamento natural do princípio orientador de *Almanaque On-line*: aberto, rigoroso, amigável.

Três termos são anunciados pelo título deste número, orientando nossa leitura dos textos de *Trilhamentos*. Ilusão, Amor e Sintoma são figuras da relação sexual, como modos de enfrentamento à sua inexistência.

## Expediente da Revista Almanaque

Revista Almanaque On-line é uma publicação do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais – IPSM-MG.  
Periodicidade: Semestral  
ISSN: 1982-5617

A reprodução ou a citação de fragmentos dos artigos é autorizada, desde que acompanhada das devidas referências.

Contato: ipsmminas@gmail.com  
Sede: Avenida Afonso Pena, 2770  
2º andar, Funcionários. CEP: 30130-007  
Telefone: (31) 3275-3873  
(31) 97510-4560

### DIRETORIA DO INSTITUTO:

**Diretora Geral:**

Lilany Pacheco

**Diretora Secretária-tesoureira:**

Luciana Silvano Brandão Lopes

**Diretora de publicação:**

Maria Rita Guimarães

**Diretora de Seção Clínica:**

Maria Wilma Faria

**Diretora de Ensino:**

Kátia de Oliveira Mariães

### CONSELHO DO IPSM-MG

Fernando Casula

Andréa Eulálio

Lázaro Elias Rosa

Patrícia Teixeira Ribeiro

Márcia Mezêncio

Paula Ramos Pimenta

### CONSELHO EDITORIAL DA PUBLICAÇÃO

Lilany Pacheco

Musso Greco (Consultor)

Simone Souto

### DIRETORIA DE DIVULGAÇÃO E PUBLICAÇÃO

Ana Helena de Souza

Beatriz Espírito Santo

Daniela Gontijo de Souza

Ernesto Anzalone

Geisla França Letícia Mello

Letícia Mello

Márcia Bandeira

Maria Rita Guimarães (Diretora de publicação)

Rodrigo Almeida

Rodrigo da Matta Machado

### REVISORA:

Sílvia P. Barbosa

### EDITORIAÇÃO:

Bruno Senna sennabruno@gmail.com

A palavra “ilusão”, a lemos à página 95 do Seminário 19, *...ou pior*: “O que nos dá a ilusão da relação sexual no ser falante é tudo o que materializa o universal num comportamento que, efetivamente, é de bando, nas relações entre os sexos” (LACAN, 1971-72/2012, p. 95).

O contexto em que Lacan (1971-72/2012) examina a questão do universal, nes-

Amor, isso sim, é problema de falasseres. No reino animal, o que há são cuidados, apego, já no combo do instinto, ao nascer, conforme a espécie em questão.

Amor, para o falasser, é “a-muro”, jogo homofônico de Lacan com a palavra “*amour*”: a parede da linguagem complica a vida de cada humano, nascido de um mal-entendido. Sophie Marret-Maleval,

escreveram a respeito de sua conturbada experiência amorosa (além da cultuada biografia escrita por Laure Adler) reconhecemos sem esforços o que Lacan (1965/2003, p. 200) disse: “onde Marguerite revela saber sem mim aquilo que ensino”.

Exemplos mínimos, em gotas, para ilustrar a atmosfera.



se ponto, encontra-se em parágrafos imediatamente anteriores, em referência à “imagem animal da copulação” como modelo do que faz a relação sexual.

Ludmilla Féres apresenta a pergunta: “o que é que finalmente produz o corte entre o animal e o humano?”. Nosso convite é para que leia o texto “A ilusão da relação sexual” e veja a resposta que a autora dá à própria pergunta e a tantas outras questões, suscitadas pelo vasto tema, até nos esclarecer por que a ilusão não é suficiente para fazer a escrita da relação sexual.

em seu texto “Um impossível acordo: amor e não relação sexual”, conduz-nos de forma clara, pelas formulações de Freud, Lacan, e Miller, à impossível harmonia entre os termos “amor” e “não-relação sexual”. Serve-se também de filmes de Woody Allen e da experiência de amor de Marguerite Duras e do jovem Yann Andréa Steiner, através de uma citação do livro de Yann, *Este amor*.

Se a psicanálise nos ensina sobre o amor, sobretudo por ele ser o motor da experiência – o chamado amor de transferência –, lendo aquilo que os próprios protagonistas

Contingência do encontro: “a história entre o muito jovem Yann Andréa Steiner e esta mulher que fazia livros e que era velha e sozinha como ele” (DURAS, 1987, p. 10).

As cartas de amor: “Muitas cartas. Às vezes, uma por dia. Eram bem curtas, espécies de bilhetes, quase gritados de um lugar invivível, mortal, de uma espécie de deserto. Esses apelos eram de uma beleza evidente” (DURAS, 1987, p. 2).

“Então, por minha vez, no vazio deixado por você, essa ausência de cartas, de apelos, eu lhe escrevi” (DURAS, 1987, p. 3).

Demanda de amor: toda a fórmula laciana, “Peço-te que recuses o que te ofereço porque não é isso”, escrita sem pudor, ora por um, ora pelo outro dos amantes.

Duras (1987, p. 62-63): “era tarde demais para mim, que eu não podia mais conter você. Como nunca consegui conter o medo de você. Você não sabe me poupar do medo de ser morta por você. [...] Para mim, sua doçura me leva de volta à morte, a qual você certamente sonha em me dar, sem saber”.

A escrita:

Ela pergunta: você me ama? Eu não respondo. Não consigo. Ela diz: se eu não fosse Duras, você nunca teria olhado para mim. Eu não respondo. Não consigo. Ela diz: não é a mim que você ama, é a Duras, é o que eu escrevo. Ela diz: você vai escrever “eu não amo Marguerite”. Ela me dá uma caneta, uma folha de papel e diz: vá escrever, assim estará feito. Não consigo. Não escrevo o que ela me pede para escrever, o que ela não quer ler. Ela diz: Yann, se eu não tivesse escrito nenhum livro, você me amaria? Abaixo os olhos. Não respondo.

[...]



Sim, estou aqui para registrar as palavras que você diz, para deixá-la escrever enquanto eu fico em silêncio, enquanto não compreendo, enquanto você inventa a verdadeira história do mundo. Estou aqui para isso. Para evitar que isso pare, para fazer com que as palavras sejam inscritas na página. Para que os livros sejam feitos e oferecidos a todos, a todos os leitores que ainda não sabem que esse livro os espera. (ANDRÉA, 2014, s.p., tradução nossa)

Entre o jovem que apenas conseguiu amar outros homens e “esta mulher já idosa, louca de escrever”, a relação sexual não se inscreveu, tal como o sexo não se fez. Escrever diversos livros sobre esse louco amor os deixa aprisionados até a morte de M. Duras.

Em “O espaço de um abraço: Joyce Lom e sua mulher G(*love*)”, acompanhamos o desenvolvimento realizado por Sérgio de Mattos, que nos esclarece por que “Lacan encontra em Joyce um exemplo extraordinário da constituição de um corpo de gozo como um modo de lidar com a não relação entre os sexos”.

No texto, não se trata do sintoma, categoria modal do necessário – “o que não cessa de se inscrever” – para cada um. O sintoma é da ordem do necessário, isto é, não há saber no real sobre a sexualidade. É que remete ao “não cessa de não se inscrever”, à não-relação sexual.

No caso de Joyce e sua relação com Nora, sua mulher, “trata-se da relação entre o sujeito e o seu sinthoma”; “se há relação sexual”, ela só existe no sentido restrito e deslocado em que o sujeito mantém uma relação com o seu próprio sinthoma – e não com o outro sexo. O autor nos afirma que Joyce não escreve a relação sexual, mas o impossível dela. É em Joyce que o aforismo ‘não há relação sexual’ pode ser uma... “exceção poética”.

*O que se conversou?*

Na 33ª Conversação da Seção Clínica do IPSM-MG, realizada em 25 de outubro de 2025, conversou-se muito e de forma fecunda. Os elementos extraídos da Entrevista

Clínica, acontecida semanas antes, reafirmou o que se sabe a respeito desse trabalho: a riqueza clínica que ensina muito a cada um que se faz presente.

Fernando Casula estava lá e sua contribuição com o registro e as reflexões contidas em seu texto “De um brilho especial à obscuridade mortífera da realidade: ensinamentos de uma entrevista clínica” tornam sua leitura imperdível!

Chegamos a *Encontros*.

Esperam-nos uma especial entrevista, consequência de ato de trabalho. Quais os pontos, como efeitos de leitura, provocam a atenção daqueles que dedicam muito de seu tempo ao exercício de tradução, revisão e co-tejamento das referências bibliográficas de um texto que, vertido a outra língua, compo-nha uma publicação? Ana Helena Souza, Beatriz Espírito Santo, Letícia Mello, Tamira Bacha e Márcia Bandeira respondem a essa pergunta nesta edição 36.

*De uma nova geração* é a rubrica móvel de *Almanaque On-line*, que comparece sempre no primeiro número do ano. Alunos do curso do IPISM-MG apresentam-nos suas elaborações que, podemos assim deduzir, foram os “pontos altos” daquilo que, até o momento, lhes convocaram à escrita.

Munike Paulo Rodrigues, a partir de uma pergunta de Miller – “a formação do analista seria comparada a uma zona sísmica?” –, desenvolve a articulação entre os termos “psicanálise”, “sismos” e “restos”, que constam no título do texto, sustentando a pergunta “O que é um analista?”.

Rodrigo Goes e Lima traz em seu texto a argumentação que lhe permite afirmar, já no título, a seguinte consideração: “O pensamento obsessivo como objeto”. Cito o autor, em sua própria formulação: “Argumenta-se, assim, que no obsessivo, a retenção do pensamento como simulacro de um objeto precioso possibilitado por uma peculiaridade do mecanismo de recalque dessa neurose permite extrair da faculdade do pensar a cota máxima de satisfação sexual”.



Esperamos que você, leitor, explore o espaço e leia a revista *Almanaque On-line*. Volte sempre ! Baixe o PDF!

Nossos sinceros agradecimentos a cada um dos autores dos textos que compõem este número de *Almanaque on-line*.

Estendemos nossos agradecimentos à Sofia Nabuco pela cessão de grande parte das imagens que ilustram *Almanaque 36*.

#### Referências

- ANDRÉA, Y. M. D. Tradução de Mirian Paglia Costa. São Paulo: Marco Zero Editora, 1987.
- ANDRÉA, Y. Duras mon amour. *Le Nouvel Obs*, jul. 2014. Disponível em: <https://www.nouvelobs.com/documents/20140710.OBS3429/duras-mon-amour-par-yann-andrea.html>. Acesso em: 01 fev. 2026.
- ADLLER, L. *Marguerite Duras*. Paris: Gallimard Éditions, 1988.
- DURAS, Marguerite. *Yann Andréa Steiner*. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- LACAN, J. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.198-205. (Trabalho original publicado em 1965).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de Vera Ribeiro; versão final de Marcus André Vieira; preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012. (Trabalho original proferido em 1971-72).

# TRILHAMENTOS

## A ILUSÃO DA RELAÇÃO SEXUAL<sup>1</sup>

**Ludmilla Féres Faria**

Psicanalista

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

E-mail: ludffaria@uol.com.br

Encontro fortuito de uma máquina de costura com um guarda-chuva [...]. Trata-se do homem e da mulher. Entre os dois não tem acordo, nem harmonia, nenhuma programação, nada estabelecido: tudo fica entregue ao acaso, ao que se chama, em lógica modal, a contingência. Não se sai disso.

Essa é a imagem usada por Miller para apresentar o Seminário 19 de Lacan, ... *ou pior*, que abre a perspectiva do que será o tema do Congresso da AMP em 2026, cujo título é o aforisma lacaniano *Não existe relação sexual*.

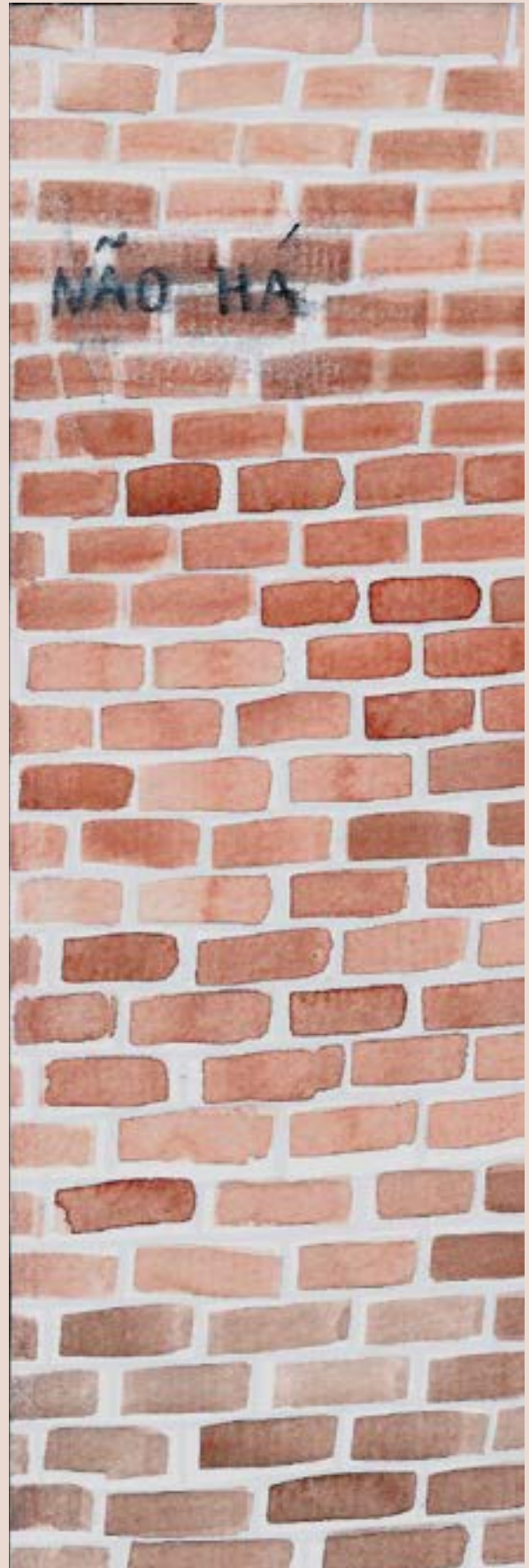
Não há proporção entre os gozos, o que indica que entre os gozos feminino e masculino não há relação. Isso não significa que não haja relação sexual – que existe, e todos sabemos, dado “que isso ocupa nossa vida terrestre” (LACAN, 1971-72/2012, p. 97). Mas são gozos que não se acomodam. O homem não sabe o que fazer com seu corpo e muito menos com o corpo do outro.

---

**Não há proporção entre os gozos, o que indica que entre os gozos feminino e masculino não há relação.**

---

<sup>1</sup> Texto apresentado em março de 2025 na aula inaugural do IPISM-MG e na abertura das atividades da EBP-MG e escrito a partir das discussões do Cartel sobre o Seminário23, O sinthoma, composto por Laura Rubião, Ludmilla F. Faria, Mônica Campos, Paula Pimenta e Ram Mandil (Mais-Um).





Daí Lacan (1971-72/2012, p. 104) afirmar que esse mito de fazer Um, evocado por Freud, “só pode funcionar no horizonte de um delírio e não tem nada a ver com seja o que for que encontramos na experiência”. Para os animais, isso é resolvido pelo instinto, que permite saber qual o melhor caminho a se tomar, assim como permite saber qual é o parceiro mais adequado e qual é o inadequado. Para os humanos, ao contrário, isso não funciona, rateia. O ser humano por ser inscrito forçosamente na linguagem tem seu gozo é alterado, desviado de sua satisfação natural.

Nos perguntamos, então: o que é que finalmente produz o corte entre o animal e o humano? Podemos dizer que é justamente a aparição da linguagem em nossa espécie o que faz com que se produza esse corte, que nos separa radicalmente do programa pulsional, que faz funcionar o mundo animal. Isto é, a sexualidade humana é fundamentalmente desnaturada pela linguagem.

Nós, os humanos, estamos inscritos em um meio em que há palavras que, por um lado, nos permitem nos relacionarmos e, por outro, também nos arrastam permanentemente para o sentido, enredando-nos em um gozo que necessita de algum tipo de embreagem para deixar de ser um gozo autístico. Então, tropeçamos com o desejo, que persegue algo, mas que é empurrado por uma causa que está sempre alhures. Um desejo que ne-

cessita também da embreagem do fantasma, essa ficção de sentido que permite amortizar as falhas do sujeito e do Outro. Necessitamos dessa ficção, desse artifício, esse pequeno mecanismo de engano para poder suportar o real que encobre, “o que será melhor ...ou pior”, conforme Miller aponta na contracapa do Seminário 19.

---

**Nos perguntamos, então: o que é que finalmente produz o corte entre o animal e o humano? Podemos dizer que é justamente a aparição da linguagem em nossa espécie o que faz com que se produza esse corte, que nos separa radicalmente do programa pulsional, que faz funcionar o mundo animal. Isto é, a sexualidade humana é fundamentalmente desnaturada pela linguagem.**

---

O décimo nono ano do ensino oficial de Lacan introduz uma inquietação sobre os limites da função paterna e, portanto, sobre o modo como concebemos a direção do tratamento. A formalização lacaniana da partilha sexual, centrada na herança freudiana, já havia mostrado



seus limites no que tange ao drama edípico. Afinal, a crença na exceção paterna, que institui dois polos de normalização sexual com relação ao gozo do falo – masculino e feminino –, não recobre totalmente nosso ser sexuado, destacando um gozo impossível de negativizar, excessivo, fora de lei paterna.

No Seminário 19, Lacan prepara o terreno para o que, um ano depois, desaguará no Seminário 20, *Mais, ainda*: as fórmulas da sexuação, o não todo, os gozos fálico e feminino, as definições do necessário, do contingente e do impossível. E, a partir daí, o fracasso da exceção paterna, fundamentado no Todo consistente, na sustentação da partilha sexual, expresso pelo “não todo” do lado feminino da tábua, que não é recoberto pelo

gozo fálico. Excedente que, de início, é imputado ao gozo feminino e mais tarde é estendido ao gozo enquanto tal, e que encontramos nas experiências de devastação, nas vivências místicas, psicóticas e, também, nas análises levadas até final. Isso que arrebatava o corpo e que, talvez por isso, leva Miller a nomear o capítulo de onde extraímos o título desta conversa – “A parceria desvanecida” –, indicando bem por aí que se trata da parceria enquanto *heteros*, a outra, aquela que não está toda submetida à função fálica e que tem a propriedade de desvanecer-se.

### Das ficções à fixão

Contudo, como destaca Miller, no cerne desse Seminário encontra-se a relação entre o gozo e o Um, sintetizada na célebre fórmula *Há-Um*. Esse aforisma complementa o “Não existe” da relação sexual e enuncia o que há. O que há após esvaziar-se da presença do Outro, a ponto de nos defrontarmos com a perda da capacidade de manter nossa unidade.

Nesse momento, não se trata do ao-menos-Um paterno, nem do Um do estádio do espelho, mas do Um-sozinho, ligado ao gozo e que se inscreve no corpo. Para Miller, também na referida contracapa do Seminário 19, “aqui começa o último ensino de Lacan. Ali está tudo que ele ensinou, e, no entanto, é tudo novo, renovado, virado de pernas para o ar”.

---

**Todo corpo vivo goza de si mesmo, mas, no ser falante, o corpo vivo ganha um novo estatuto ao sofrer a incidência da linguagem como um acontecimento que transforma o gozo que seria natural.**

---

O aforismo *Há-Um* é estabelecido por Lacan num dos momentos teóricos mais criativos de seu ensino, quando ele expõe toda complexidade dessa questão. Afinal, “que vamos buscar no Outro se o gozo é profundamente gozo do Um?”. E é porque o ponto de partida no seu último ensino é o gozo

do Um, e não do Outro, que ele “se autoriza a dizer que o Outro não existe em relação ao confinamento do gozo do Um” (MILLER, 2012, p. 199).

Depois de valorizar o corpo mortificado pelo significante, um corpo esvaziado de sua dimensão de ser vivo, Lacan constata que a incidência da linguagem sobre o corpo não é só mortificação. Assim, a partir do Seminário 20, o significante não apenas ordena o discurso, cujos efeitos produzem o sujeito, como também produz gozo no corpo e o vivifica: “nós não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isso, que um corpo, isso se goza” (LACAN, 1972-73/1982, p. 35).

Todo corpo vivo goza de si mesmo, mas, no ser falante, o corpo vivo ganha um novo estatuto ao sofrer a incidência da linguagem como um acontecimento que transforma o gozo que seria natural. Podemos entender esse distúrbio de gozo produzido pela linguagem como um gozo que é experimentado como estando aquém, ou, então, estando em excesso em relação a um suposto gozo “natural”. Lacan nomeia como “desregulação” o “Um [que] se imprime sobre o corpo e introduz um distúrbio de gozo” e, ainda, “a repetição do Um comemora a irrupção de um gozo

inesquecível” (MILLER, 2011).

Miller chama de acontecimento de corpo esse encontro que não responde a nenhuma lei prévia, impossível de ser abolido, um gozo silencioso e fixado de uma vez por todas, que não cessa e que também não tem porquê, mas que reitera. Desde então, o sujeito se vê ligado a um ciclo de repetições cujas instâncias não se adicionam e cujas experiências não lhe ensinam nada. “Há o Um” é uma formulação que constitui o primeiro passo de: “a relação sexual não existe”. Essa é

consequência da primazia do Um, uma vez que ele marca o corpo com um acontecimento de gozo. Ali onde reinavam as ficções, Lacan faz prevalecer as *fixões* do gozo, substituindo os efeitos de sentido por esse gozo opaco, sem sentido.

A incidência do significante produz, assim, o sintoma em duas vertentes: como sentido que clama por interpretação, e como sem sentido, pura reiteração<sup>2</sup> – o que leva Lacan a mudar a grafia deste último para *sinthoma*. Esse gozo repetitivo, que hoje chamamos de *adição*, e que

Lacan chama de *sinthoma*, só tem relação com esse Um, com  $S_1$ , o que significa que ele não tem relação com  $S_2$ . E o que faz função de  $S_2$ , no caso, função de Outro, desse  $S_1$ , é o próprio corpo.

O *sinthoma* é definido como um acontecimento de corpo que evidentemente dá lugar ao sentido; a partir desse acontecimento, uma semântica dos sintomas se desenvolve, mas, na raiz dessa semântica, há um puro acontecimento de corpo, o que leva Miller a afirmar um itinerário de Lacan que vai do ser ao Um, da ontologia à henologia. O *sinthoma*, como Um de gozo que se repete, podemos aproximá-lo de uma escrita selvagem do gozo, fora do sistema, escrita do Um sozinho, ao passo



2 Reiteração: repetição do mesmo, na qual não se acrescenta um a mais; é sempre o mesmo Um que se repete, sem constituir cadeia.



que o  $S_2$  do qual ele seria correlato é apenas suposto.

Mas, sob essa ótica, de uma psicanálise que parte da consideração do gozo do próprio corpo, do gozo do ser falante, que não implica a presença do Outro, com quem o ser falante joga sua partida? Na psicanálise ordenada pelo gozo do Um, a questão passa a ser sob quais condições uma relação pode ser estabelecida com o parceiro sexual. E como o sintoma – como forma desse gozo do Um – poderá participar dessa relação?

### **O sujeito lacaniano é impensável sem um parceiro**

Segundo Miller (2005, p. 284), o parceiro é uma instância com a qual o sujeito se liga de maneira essencial, uma instância que lhe causa problema, mas se ele for correto reconhece que ama. Por isso, não devemos nos hipnotizar com a posição do sujeito, mas nos perguntar com quem ele joga sua partida. É nesse sentido que ele propõe uma teoria das parcerias e dedica um seminário a desen-

volver as múltiplas formas desse parceiro se apresentar: “Sem dúvida o parceiro sintoma é a fórmula mais geral para recobrir o parceiro multifacetado” (MILLER, 2017, s.p.).

Na parceria imaginária, o sujeito joga sua partida com sua imagem. O estádio do espelho é a versão lacaniana do narcisismo freudiano, que parecia propício a fundar uma autarquia do sujeito, que não precisa de nada e encontra em si mesmo seus objetos. O narcisismo seria, portanto, a ausência de partida. O estádio do espelho inverte essa leitura ao introduzir a alteridade no seio da identidade. Lacan formalizou essa partida imaginária com  $a-a'$ .

---

### **Na psicanálise ordenada pelo gozo do Um, a questão passa a ser sob quais condições uma relação pode ser estabelecida com o parceiro sexual. E como o sintoma – como forma desse gozo do Um – poderá participar dessa relação?**

---

Quando se trata da parceria simbólica, temos também a unidade simbólica do sujeito afetada por uma falta de significante. A raiz dessa parceria está constituída pela falta de um significante que possa suprir o sujeito e que ele encontrará no Outro. Por essa vertente, o final da análise coincidia com a obtenção, por parte do sujeito, do significante que lhe faltava, o conceito essencial aí é reconhecimento. Lacan formula essa parceria como algo que traz satisfação: o que insiste em ser satisfeito – a repetição – só pode ser satisfeito por reconhecimento. Nesse sentido, o final de análise está ligado a um significante que é dado e adquirido de uma vez por todas, ou seja, a ideia do realizado está no horizonte. Se opomos o par imagem ao par simbólico trata-se, neste último, de restituir a cadeia significante, sem qualquer referência ao desejo ou ao gozo. A análise funda, pelo seu método, pelos meios que emprega, o privilégio do semântico sobre o sexual (MILLER, 2005, p. 292).

A terceira parceria é o parceiro essencial que Lacan dá ao sujeito, o objeto  $a$ , revelado

através da estrutura Outro sujeito, nem a mas um objeto toma-próprio corpo. O par-sujeito tem no Outro o parceiro essencial seu gozo próprio, o o Outro sexual, se do sujeito é o objeto gozo? Segundo Miller Lacan apresentou mava que a sexualidade no inconsciente pela não está representada “está representada uma representação ou seja, podemos dizer de nenhum traço que invenção do objeto  $a$  relação sexual, que o dito objeto, e não o

Com esse percurso que o parceiro fundamental sujeito joga sua parte. Não é a Outra pessoa. análise, o parceiro do si mesmo, como por gem ou o seu mais objeto  $a$  do qual ele gozo, ou, numa nova do Seminário 20, o



do fantasma. Não é o imagem, nem o falo, do do corpo, de seu ceiro essencial que o é o objeto  $a$ . Mas, se é o objeto  $a$  algo de que é a sexualidade, o parceiro essencial  $a$ , isto é, algo de seu (2005, p. 294), quando esse esquema, afirma está representada pulsão e, portanto, da no inconsciente, por outra coisa, é não representativa”, zer que é uma rasura lhe seja anterior. A já significa que não há parceiro do sujeito é o outro sexual.

so, Miller demonstra mental com quem o tida nunca é o Outro. Como se vê numa sujeito é ou algo de exemplo, a sua imagozar sob a forma do procura extrair seu perspectiva a partir seu sinthoma.

Nesse Seminário, a ênfase na parceria está na contingência do encontro. Mas, como já dissemos, que a relação não esteja escrita não significa que seja falsa, mas que é uma fórmula que não se encontra no real, que está ausente, o que dá lugar à contingência e mostra sua necessidade no que podemos chamar de história sexual do sujeito, a narração de seus encontros. O parceiro sexual nunca está estabelecido, programado. O gozo do Outro tomado como corpo é sempre inadequado: perverso, por um lado – no que o Outro se reduz a objeto  $a$  –, e, do outro, enigmático – porque a mulher não sabe de que é feito seu gozo. Como diz Lacan (1972-73/1982, p. 100): sobre isso, ela não solta nem uma palavra.

---

**Se, no encontro, o sujeito tem a ilusão, durante um tempo que é de suspensão, de que a relação sexual se escreve, o drama do amor é o fato da contingência fluir para o necessário. Ele passa do “cessa de não se escrever” para “não cessa de se escrever”: “o amor acredita, esta é sua ilusão, que assim ele se fixa”. O drama do amor vem do fato da necessidade prevalecer sobre a contingência. Esse é o perigo que encontra no caminho do amor.**

---

## A ilusão da relação sexual

No Seminário 20 trata-se, portanto, de uma nova doutrina da parceria amorosa: “o parceiro sexual só seduz pela maneira com que ele se acomoda com a não relação sexual” (LACAN, 1972-73/1982, p. 292). O que podemos dizer sobre isso? Que o que faz o laço amoroso é a forma como o parceiro lidou com seu sintoma? Segundo Lacan (1972-73/1982, p. 198), no amor não há outra coisa senão “encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um a marca o traço de seu exílio”.

Pierre Naveau (2017) sublinha que, para Lacan, só há encontro ao acaso. Trata-se de passar do “não cessa de não se escrever” para o “cessa de não se escrever”, da impossibilidade para a contingência (NAVEAU, 2017, p. 260). Mas é preciso que o sujeito queira saber sobre o que lhe acontece nesse encontro, já que, em se tratando do amor, a questão mais importante diz respeito ao saber. Não é a mesma coisa estar aberto ou fechado para o encontro. De um lado, trata-se de alguma coisa sobre a qual há a saber e, de outro, há alguma coisa que, no instante, dá a ilusão de que o encontro se escreve, até mesmo se diz e, por isso mesmo, passa a existir. Lacan diz claramente que é uma ilusão, uma miragem.

Seguindo Naveau em sua leitura das últimas lições do Seminário 20, encontramos o drama do amor. Se, no encontro, o sujeito tem a ilusão,

durante um tempo que é de suspensão, de que a relação sexual se escreve, o drama do amor é o fato da contingência fluir para o necessário. Ele passa do “cessa de não se escrever” para “não cessa de se escrever”: “o amor acredita, esta é sua ilusão, que assim ele se fixa”. O drama do amor vem do fato da necessidade prevalecer sobre a contingência. Esse é o perigo que encontra no caminho do amor.

Quando a necessidade “repele” a contingência, o amor se afasta do encontro que o fez nascer, e os enamorados não sabem mais a razão de terem se apaixonado. O amor então vagueia, se perde nas querelas infundáveis. Na ocasião do encontro, são dois saberes inconscientes que se encontram, e o drama se instala com o “não querer saber nada do encontro”, o drama está ligado ao saber.

### Do amor ao sinthoma

No Seminário 23, Lacan se apoia na parceria entre Joyce e sua mulher, Nora, para retomar a questão da relação sexual. Podemos nos perguntar se, no caso de Joyce, a contingência que marca seu encontro com Nora – que poderia dar a ilusão, como afirma Lacan no Seminário 20, de que a relação sexual “para de não se escrever” –, não se desloca para o “não para de se escrever”, da contingência à necessidade, não a necessidade de um destino, mas a necessidade do sinthoma.<sup>3</sup>

Ram Mandil, no Seminário de Orientação Lacaniana do primeiro semestre des-

te ano, destaca que, no caso de Joyce e Nora, não parece haver lugar para o drama do amor em Joyce, e “que é curioso encontrar nas queixas de Nora, no início da correspondência entre eles, o fato de Joyce jamais pronunciar a palavra amor em suas cartas – o que nos faz pensar que o amor na relação com Nora parece estar subsumido às necessidades sinthomáticas de Joyce”.

A partir das cartas de amor de Joyce para Nora, Lacan (1975-76/2007, p. 81) afirma que ela lhe “cai como uma luva” e que entre os dois existe uma relação sexual, “ainda que eu diga que não há relação sexual. Mas é uma relação sexual bem esquisita”. Qual seria, então, a especificidade da relação de Joyce com Nora que leva Lacan a afirmar que há relação sexual? Essa relação, que não se baseia na ilusão do amor, estaria assentada em quê?

#### Referências

- LACAN, J. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982. (Trabalho original proferido em 1972-73).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. (Trabalho original proferido em 1975-76).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012. (Trabalho original proferido em 1971-72).
- MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética. Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- MILLER, J.-A. *O ser e o Um*. Lição de 23 de março de 2011. 2011. (Inédito).
- MILLER, J.-A. *La fuga del sentido*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
- NAVEAU, P. *O que do encontro se escreve*. Belo Horizonte: EBP, 2017.

3 Hipótese levantada por Ram Mandil na discussão do referido Cartel.

# UM ACORDO IMPOSSÍVEL: AMOR E NÃO-RELAÇÃO SEXUAL

*Sophie Marret-Maleval*

Psicanalista

AME

Membro da École de la Cause freudienne (ECF),

da New Lacanian School (NLS)

e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

E-mail: marret-maleval.sophie@orange.fr

No cerne do último ensino de Lacan, a tensão entre dois enunciados. O primeiro: “não há relação sexual”, de cuja primeira ocorrência não estou certa, mas cuja primeira

abordagem pela lógica encontramos no Seminário 16, De um Outro ao outro, em 1969 (1968-69/2008, p. 40), e o detalhamento de seu alcance em “Radiofonia”, em 1970, quando Lacan (1970/2003, p. 411) marca sua saída do estruturalismo: “o significante não é apropriado para dar corpo a uma fórmula que seja da relação sexual. Daí minha enunciação: não há relação sexual – subentenda-se: formulável na estrutura”.

Em seguida, em relação a esse enunciado, ele afirma, em Mais, ainda: “O que vem em suplência à relação sexual, é precisamente o amor” (LACAN, 1972-73/1985, p. 62). Lacan vai contra uma visão platônica do amor concebido como reencontro da metade perdida, que faz do Outro sexo o complementar do primeiro em um ideal de fusão (embora, como ele observa no Seminário 8, A transferência, Platão deixe essa perspectiva para Aristófanes, o personagem cômico do Banquete). No entanto, não se encontra em Lacan uma posição cínica ou de desilusão tão radical quanto a do Eremita, de Atala, que não acredita em nenhuma redenção possível pelo amor na terra:



Sem dúvida, minha filha, os amores mais belos foram os daquele homem e daquela mulher, saídos da mão do Criador. Um paraíso havia sido formado para eles, eles eram inocentes e imortais. Perfeitos na alma e no corpo, eles se adequavam em tudo: Eva havia sido criada para Adão, e Adão para Eva. Se eles não puderam, no entanto, manter-se nesse estado de felicidade, que casais poderão fazê-lo depois deles? Não lhes falarei dos casamentos dos primogênitos dos homens, dessas uniões inefáveis, quando a irmã era a esposa do irmão, que o amor e a amizade fraterna se confundiam no mesmo coração, e que a pureza de uma aumentava os deleites da outra. Todas essas uniões foram perturbadas; o ciúme se insinuou no altar de relva onde se imolava o cabrito, reinou sob a tenda de Abraão, e nesses leitos mesmo onde os patriarcas saboreavam tanta alegria, que esqueciam a morte de suas mães. (CHATEAUBRIAND, 1964/2014, p. 116-117, tradução nossa)

Considerar o amor como suplência à não-relação sexual leva Lacan a apostar no laço entre os inconciliáveis, tornado possível pela análise, quando esta alivia os ideais, sem, no entanto, fazer disso um novo dogma, apenas uma constatação sobre a maneira como os falasseres encontram soluções para sua solidão fundamental.

A versão lacaniana do amor estaria, sem dúvida, mais próxima daquela de Baudelaire em *Mon cœur mis à nu* (O meu coração desnudado), que me deu o título:

O mundo só anda pelo mal-entendido.

É pelo mal-entendido universal que todo mundo se põe de acordo.

Pois se, por desgraça, nos compreendêssemos, nunca poderíamos concordar.

O homem de espírito, aquele que nunca concordará com nin-

guém, deve aplicar-se a amar a conversação dos imbecis e a leitura de livros ruins. Ele obterá disso gozos amargos que compensarão amplamente seu cansaço.

(BAUDELAIRE, 1887, p. 46-47, tradução nossa)

## I. O lugar da prática lacaniana

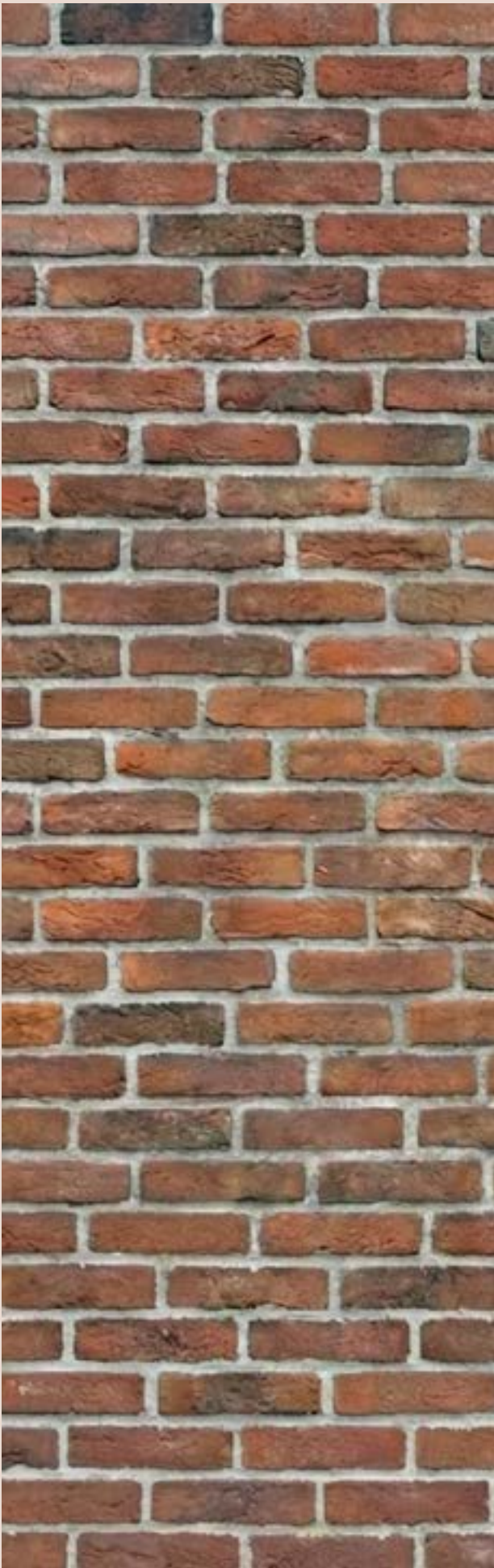
Convém, antes de tudo, compreender o alcance do primeiro enunciado, “não há relação sexual”. Já no Seminário 6, O desejo e sua interpretação, Lacan havia marcado um afastamento de toda crença na supremacia do significante, o que o conduziu à invenção do objeto *a*, precisando, no Seminário 10, A angústia, que o que falta ao Outro não é um significante, o falo, como ele havia afirmado até então, mas um objeto real, fora da linguagem, instaurando, a partir de então, o poder do Outro da linguagem, sua incidência sobre o real. Jacques-Alain Miller ressalta, no entanto, em “Os seis paradigmas do gozo”, como, até o último ensino, o gozo permanece discursivo, é veiculado na cadeia significante, entra em um sistema, como o atestam os quatro discursos, nos quais o objeto *a* entra em função na escrita de um certo número de relações lógicas.

---

**Considerar o amor como suplência à não-relação sexual leva Lacan a apostar no laço entre os inconciliáveis, tornado possível pela análise, quando esta alivia os ideais, sem, no entanto, fazer disso um novo dogma, apenas uma constatação sobre a maneira como os falasseres encontram soluções para sua solidão fundamental.**

---

Miller (2012, p. 38) esclarece que “Lacan chegou até a propor uma relação originária entre o significante e o gozo”, considerando que “o significante representa o gozo”, entre  $S_1$  e  $S_2$ , mais do que o sujeito. O Seminário



17, O avesso da psicanálise, no qual Lacan constrói os quatro discursos, é sem dúvida o ápice dessa concepção, a partir do qual se inicia uma nova guinada. O Seminário 20, Mais, ainda, marca a esse respeito, “uma inversão que incide sobre todo o percurso de Lacan”, observa Jacques-Alain Miller (2012, p. 37-38): “Lacan, de fato, serra o galho sobre o qual havia posto todo o seu ensino, e isso implicará, depois, na última parte do seu ensino, um esforço para reconstituir um outro aparelho conceitual com os resquícios do precedente”. Jacques-Alain Miller designa esse novo paradigma precisamente como o da não relação. Ali onde a linguagem e a estrutura tinham uma função de “captura do organismo vivo” (MILLER, 2012, p. 38), a não-relação aparece como o limite do poder da estrutura. A palavra não é mais concebida como comunicação, mas como gozo. “Enquanto o gozo era, no ensino de Lacan, sempre secundário em relação ao significante”, ressalta Jacques-Alain Miller (2012, p. 38), “é necessário este sexto paradigma para que a linguagem e sua estrutura que eram, então, tratadas como um dado primário, apareçam como secundárias e derivadas”. É a articulação  $S_1-S_2$ , o sentido, que se torna secundária em relação a  $S_1a$ , a marca do significante sobre o corpo que tem um efeito de gozo, de modo que Lacan privilegiará daí em diante a noção de signo sobre a de significante e afirmará que o significante é a causa do gozo.

---

**O Nome-do-Pai, por exemplo, enlaça os três elementos do nó, ele é reduzido à conexão  $S_1a$ , a uma função de nomeação do real, de letra; é esse grampo primordial que pode enlaçar os três elementos do nó borromeano.**

---

Jacques-Alain Miller (2012, p. 38-39) observa que esse paradigma é levado “até que o antigo conceito da fala como comunicação e também o conceito do grande Outro, o Nome-do-Pai, o símbolo fálico se desmoneiem como semblantes”, ou seja, eles não são mais primordiais, estruturantes, mas derivados, ficções, mas a noção de semblan-

te implica também que são termos situados entre o simbólico e o real, onde “acabam por ser reduzidos a uma função de grampo entre elementos fundamentalmente disjuntos”. O Nome-do-Pai, por exemplo, enlaça os três elementos do nó, ele é reduzido à conexão  $S_1a$ , a uma função de nomeação do real, de letra; é esse grampo primordial que pode enlaçar os três elementos do nó borromeano. Da mesma forma, o falo nomeia o gozo materno e faz a ligação entre os sexos. “Todos os termos que asseguravam a conjunção, em Lacan – o Outro, o Nome-do-Pai, o falo –, que apareciam como termos primordiais, como termos que podiam até ser chamados de transcendentais, posto que condicionavam toda a experiência, ficam reduzidos a conectores”, observa Jacques-Alain Miller (2012, p. 39).

Ele esclarece:

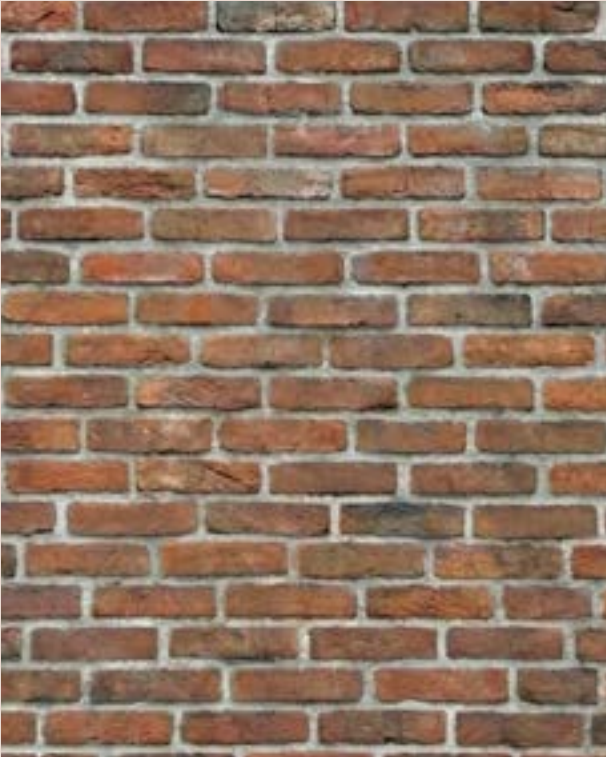
Esse paradigma é fundado, essencialmente, sobre a não-relação, sobre a disjunção – a disjunção do significante e do significado, a disjunção do gozo e do Outro, a disjunção do homem e da mulher sob a forma de: *A relação sexual não existe*. Trata-se, verdadeiramente, do Seminário das não-relações. (MILLER, 2012, p. 39)

A noção de estrutura, explica Miller (2012, p. 39), implicava que esses termos ocupavam nela uma função transcendental, ou seja, uma “dimensão autônoma preliminar à experiência e que a condicionam”; o último ensino é, antes, o do “primado da prática”. “Ali onde existia a estrutura transcendental, temos uma pragmática e até mesmo uma pragmática social” (MILLER, 2012, p. 39). A não-relação é, a partir de então, um conceito “a ser posto diante do conceito de estrutura”, e ele define a estrutura como “a formulação de relações no plural às quais, sem pensarmos mais nisso, se atribui a qualidade de serem reais sob o modo do necessário, quer dizer, do que não cessa de se escrever” (MILLER, 2012, p. 40). O Seminário *Mais*, ainda “abre como perspectiva uma outra espécie de relação que limita o império da estrutura. [...] é a não-relação” (MILLER, 2012, p. 40), abalando as relações constitutivas do ensino anterior (notadamente a articulação  $S_1-S_2$  e a metáfora paterna). “O ponto de partida dessa perspectiva”, observa ele, “não é *A relação sexual não existe*, mas, pelo contrário,

é um *Há*. Há gozo” (MILLER, 2012, p. 41), enquanto “propriedade de um corpo vivo” (MILLER, 2012, p. 42). O último ensino aponta para a parte essencial daquilo “que não cessa de não se escrever”, ou seja, “a relação sexual”, tal como Lacan a formula. É, a partir de então, o que separa definitivamente a psicanálise da ciência. A ciência se sustenta do horizonte de um “isso funciona”, a psicanálise do saber de que “isso falha”, assim como Jacques-Alain Miller (2005, p. 11-12) desenvolve em “Uma fantasia”:

E a prática lacaniana só pode ter por princípio, caso se distinga das outras: “isso rateia, falha” (ça *rate*). A prática lacaniana rateia. Aliás, vocês reconhecem no rateio, na falha (*ratage*) um *leitmotiv* do último Lacan. Ele fez tudo para se colocar na posição de fazer falhar seus nós. Evidentemente, essa falha não é contingente. Ela é a manifestação da relação com um impossível.





Jacques-Alain Miller mostra como “a ascensão ao zênite social do objeto que chamo pequeno *a*” (LACAN, 1970/2003, p. 411) é contemporânea de um desvelamento da inexistência da relação sexual. “Hoje, devemos constatar que o significante mestre, os significantes mestres já não chegam a fazer existir a relação sexual” (MILLER, 2005, p. 11-12), justamente quando a civilização hipermoderna perde pouco a pouco a confiança no saber científico, quando o horizonte do “isso falha” se generaliza. “Os organismos geneticamente modificados, o nuclear, não geram mais confiança no bom funcionamento do saber no real, a partir do momento em que somos nós que começamos a traficá-lo” (MILLER, 2005, p. 15). Acontece que o discurso da ciência mantém (e isso é ótimo, até certo ponto) a ilusão de poder compensar o fracasso, o mau funcionamento, de poder melhorar os funcionamentos. Ele continua cego sobre a obra da pulsão de morte, tal como Freud (1930/1996, p. 147-148) a definia no final de *O mal-estar na civilização*:

A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição. Talvez, precisamen-

te com relação a isso, a época atual mereça um interesse especial. Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. Agora só nos resta esperar que o outro dos dois “Poderes Celestes”, o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário. Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?

---

**A ascensão atual do cientificismo vem contrabalançar, recobrir, a confiança perdida, notadamente alimentando a esperança de racionalizar os comportamentos humanos. Ao ignorar o gozo, ao excluir o próprio do homem, ela não pode senão se expor a um retorno massivo da pulsão de morte. A psicanálise lacaniana tem por ética a bússola do gozo, aquela do “isso falha”, única apta a contrariar um pouco a obra da pulsão de morte, ao cessar de ignorá-la.**

---

Como aponta Jacques-Alain Miller, o homem manipula o real, o que dá espaço à pulsão de morte, à incidência do gozo, que a ciência deve, no entanto, desconhecer para ser operatória, que ela exclui de suas fórmulas (Lacan mostra que a ciência, para ser operatória, deve pretender a condições de objetividade e excluir as incidências do sujeito), mas que então retorna às cegas. A ascensão atual do cientificismo vem contrabalançar, recobrir, a confiança perdida, notadamente alimentando a esperança de racionalizar os comportamentos humanos. Ao ignorar o gozo, ao excluir o próprio do homem, ela não pode senão se

expor a um retorno massivo da pulsão de morte. A psicanálise lacaniana tem por ética a bússola do gozo, aquela do “isso falha”, única apta a contrariar um pouco a obra da pulsão de morte, ao cessar de ignorá-la. Como afirma Jacques-Alain Miller (2005, p. 15), concluindo sua intervenção sobre a promoção do amor no último ensino:

A não-relação sexual dá o *site* da prática lacaniana. Isso deve ser entendido da seguinte maneira: olha-se a partir do enunciado que afirma: “há saber no real” e o “não há relação sexual” é o que faz contrapeso com o enunciado que afirma “há saber no real”. É a relação sexual que faz objeção à onipotência do discurso da ciência.

Woody Allen nos dá uma ilustração contundente disso em *A magia ao luar* (*Magic in the moonlight*), no qual o herói, um mágico de espírito racionalista, se deixa convencer, por uma jovem que se diz médium, da existência dos espíritos. Ele nega todo o tempo seus sentimentos em relação à jovem. Descobrimos que foi vítima de um embuste, ele deve, no entanto, admitir seu sentimento amoroso, cujo caráter totalmente irracional em relação àquela que o enganou ele deve reconhecer. Sophie não tem a inteligência de Olivia, sua companheira, em relação à qual ele se diz “perfeitamente compatível”, mas perto da qual, no entanto, ele se apaga; mas é o sorriso de Sophie que prevalece contra

toda a razão e desmascara seu cinismo, autossuficiência e cegueira sobre sua parte irracional de humanidade.

## II. Um Freud verdadeiramente lacaniano

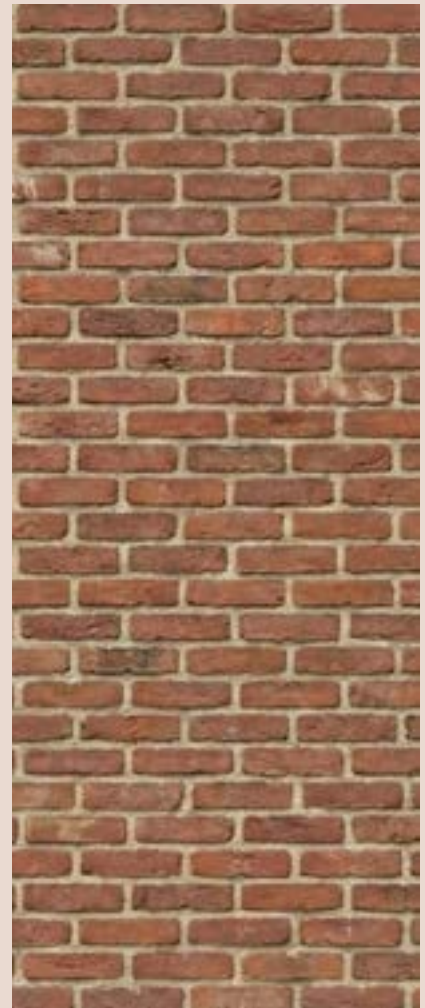
O tema da inexistência da relação sexual leva ao mais-além de uma simples questão de relacionamento conjugal. O sexual está no cerne da psicanálise desde a invenção freudiana. Aqui está em jogo sua ética, o que lhe dá seu poder de interpretação da civilização, assim como Freud o demonstra em seu *O mal-estar na civilização*.

---

**Seríamos levados a traduzir que a psicanálise visa já a delimitar, a levar em conta, aquilo que não cessa de não se escrever, lá onde Freud considera os poetas limitados pelo que se escreve (estranhamente, aliás, pois ele sustenta geralmente que eles vão mais longe que a ciência, mas talvez precisamente porque o escrito aqui, para ele, limita).**

---

Comentando as “Contribuições para a psicologia da vida amorosa”, de Freud, Jacques-Alain Miller (1998, p.



11, tradução nossa) descobre, de fato, “um Freud realmente lacaniano”, fazendo “um esforço para pensar a relação sexual”, desde que ele aborda o sexual a partir de seus impasses.

Na primeira contribuição, “Sobre um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens”, Freud (1910/1996a, p. 171) anuncia, de fato, que quer se distinguir dos poetas, que, apesar de sua sensibilidade e de sua intuição da alma humana, modificam a realidade em prol da produção de sentimentos e de efeitos estéticos: “eles devem isolar partes da mesma, suprimir associações perturbadoras, reduzir o todo e completar o que falta”. Seu projeto é submeter a investigação da vida

amorosa a um “tratamento estritamente científico” (FREUD, 1910/1996a, p. 171), pelo qual se entende que se trata para ele de pôr em evidência as lacunas. Se ele visa preenchê-las estabelecendo as relações que convêm e que explicariam seus impasses, é bem a partir destes que ele aborda a vida amorosa, nisso ele é “lacaniano”. Seríamos levados a traduzir que a psicanálise visa já a delimitar, a levar em conta, aquilo que não cessa de não se escrever, lá onde Freud considera os poetas limitados pelo que se escreve (estranhamente, aliás, pois ele sustenta geralmente que eles vão mais longe que a ciência, mas talvez precisamente porque o escrito aqui, para ele, limita).

Freud se dedica a descrever tipos de escolha de objeto nos neuróticos, permitindo delimitar as condições determinantes do amor. Ele isola o terceiro prejudicado, “estipula que a pessoa em questão nunca escolherá uma mulher sem compromisso, como seu objeto amoroso” (FREUD, 1910/1996a, p. 172); a condição segundo a qual “a mulher casta e de reputação irrepreensível nunca exerce atração que a possa levar à condição de objeto amoroso, mas ape-

nas a mulher que é, de uma ou outra forma, sexualmente de má reputação” (FREUD, 1910/1996a, p. 172); a condição do rebaixamento para a escolha amorosa (que ele desenvolve na contribuição seguinte); enfim, a tendência a salvar a mulher amada. Condições tais que ele relaciona

---

**O Édipo revela-se, de certa maneira, como uma primeira abordagem do impossível da relação sexual, colocando em seu centro o gozo interdito, a castração. Notemos, enfim, que Freud dá aí igualmente uma primeira abordagem da dissimetria entre os sexos, que converge com as fórmulas da sexuação de Lacan, quando ele situa a mulher entre objeto narcísico e estranheza, suporte da identificação pelo viés do mesmo, do falo, portanto, e outro misterioso, “a mulher é outra que o homem, ela aparece incompreensível, cheia de segredos, estrangeira e por isso inimiga”, não-toda na função fálica, devido à inexistência do significante d’A Mulher, teríamos vontade de traduzir, tal como aponta igualmente Jacques-Alain Miller.**

---

a uma fixação da ternura da criança na mãe. A segunda contribuição: “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, trata dos fatores da “impotência psíquica”, inibição que ele relaciona a uma particularidade do objeto sexual, a uma fixa-

ção incestuosa não superada na mãe ou na irmã, na origem da disjunção do amor e do desejo. Enfim, na terceira, “O tabu da virgindade”, interessa-se pela exigência de virgindade na civilização. Ele defende que a monogamia repousa sobre a sujeição sexual, como garantia de uma relação de casal apaziguada... perspectiva que necessitaria de uma tradução lógica lacaniana, desimaginarizada, esclarecendo que o parceiro sexual masculino é o objeto pequeno *a*. Essa última contribuição conduz Freud sobretudo a interessar-se pelo tabu da feminilidade.

Apesar do caráter heteróclito, ou mesmo surpreendente, dos temas dessas três contribuições, que não desenvolverei, mas também da interpretação edipiana da vida amorosa que as reúne, Jacques-Alain Miller observa que esses três textos convergem sobre a questão: “como gozar de uma mulher?”.

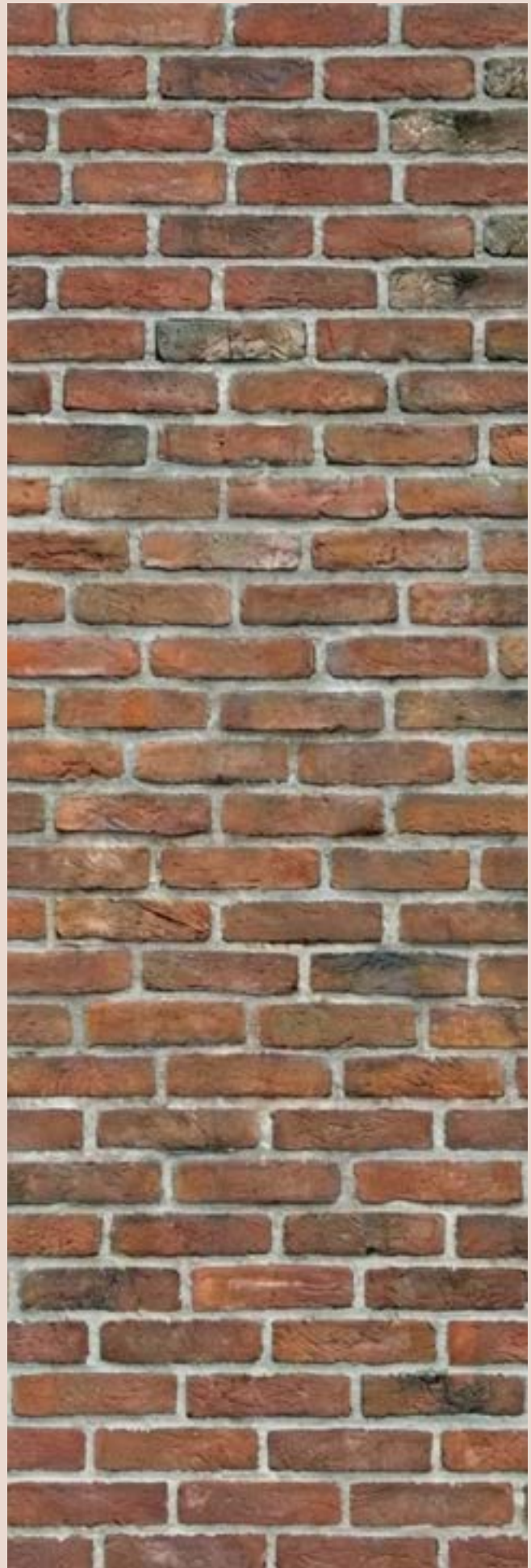
Ora, ele nota que precisamente Freud não faz existir A Mulher, mas tipos de mulheres, que ele estende sobre os impasses das relações entre homens e mulheres, marcadas pelo impossível, o que se coaduna com a acentuação da dissociação entre amor e gozo. O amor supõe

uma substituição possível; quando se trata de gozo, não há substituição (MILLER, 1998). “Algo semelhante na natureza do próprio instinto sexual é desfavorável à realização da satisfação completa”, esclarece Freud (1910/1996b, p. 194), de fato, na segunda contribuição, quando o Édipo lhe serve para assinalar que essa só pode tender para “uma sucessão infindável de objetos substitutos” objetos substitutos de um objeto perdido inicial e irrecuperável”. O Édipo revela-se, de certa maneira, como uma primeira abordagem do impossível da relação sexual, colocando em seu centro o gozo interdito, a castração. Notemos, enfim, que Freud dá aí igualmente uma primeira abordagem da dissimetria entre os sexos, que converge com as fórmulas da sexuação de Lacan, quando ele situa a mulher entre objeto narcísico e estranheza, suporte da identificação pelo viés do mesmo, do falo, portanto, e outro misterioso, “a mulher é outra que o homem, ela aparece incompreensível, cheia de segredos, estrangeira e por isso inimiga”, não-toda na função fálica, devido à inexistência do significante d’A Mulher, teríamos vontade de traduzir, tal como aponta igualmente Jacques-Alain Miller.

Miller (1998, p. 8, tradução nossa) nota, enfim, que Freud inventa, com a psicanálise, com o amor de transferência, “um novo amor”, “um novo tipo de Outro ao qual dirigir o amor: um novo Outro que dá novas respostas ao amor”, um amor que permanece, no entanto, desconhecimento, uma vez que visa velar o estatuto de dejetivo de *a*. A análise lacaniana tem por perspectiva desvelar este último, mas precisando as condições do amor e apontando o gozo, ela permitiria buscar uma nova articulação sobre o fundo de um “não há relação” impossível de reabsorver (MILLER, 1998). Pode-se entender assim o enunciado de Lacan: “o que vem em suplência à relação sexual, é precisamente o amor” (LACAN, 1972-73/1985, p. 62).

### III. Não há relação sexual

Freud colocava já no princípio da psicanálise um impossível de estrutura, poder-se-ia dizer, no sentido em que o Édipo funda e estrutura as relações humanas, um impossível, contudo, contingente às necessidades da civilização. Lacan precisará, em termos



lógicos, esse impossível, no momento em que se afasta do imperialismo da estrutura, para acentuar a ética da orientação para o real. “Conviria [...] não confundir o que acontece com a relação [rapport], tomando esse termo no sentido lógico, com a relação que fundamenta a função conjunta dos dois sexos”, afirmava Lacan (1968-69/2008, p. 216) no Seminário 16, De um Outro ao outro, iniciando o exame das coordenadas dessa questão, à qual ele dará várias abordagens sucessivas.

Se ele descarta o fato de a biologia poder definir uma relação de necessidade entre o homem e a mulher, ele aponta antes a dissimetria cromossômica entre macho e fêmea. Em seguida, recusa toda interpretação do laço entre os sexos, em termos de polaridade, à semelhança dos campos magnéticos (LACAN, 1968-69/2008, p. 217).

Lacan nota muito cedo que homem e mulher são efeitos de linguagem, apontando que Freud se limita a falar de posição feminina ou masculina, uma vez que a clínica não permite defender uma identificação necessária do sujeito com o sexo biológico. Por outro lado, ele observa que o numeral “dois” se acha estreitamente misturado à questão do sexo, em nossas associações mentais. Assim, o fato de haver dois (sexos) não constitui somente “um dos pilares fundamentais da realidade” (LACAN, 1968-69/2008, p. 216), mas o ponto de partida do estabelecimento de uma relação lógica, matemática.

Ressalta, no entanto, que, elevado ao nível da proposição universal, esse par não é mais operante, não define mais uma complementaridade lógica:

É possível enunciar isso, mesmo numa manipulação ingênua dos qualificativos? Por que uma proposição aristotélica não poderia ser habilitada, por exemplo, sob a forma *todos os machos da criação*? Essa interrogação também comportaria outra pergunta: será que *todos os não machos* quereria dizer *as fêmeas*? Os abismos abertos por tal recurso, que confia no princípio da contradição, talvez também pudessem ser tomados no outro sentido. Isso faria com que nos interrogássemos, num

---

**“Todos os não-machos” não é equivalente a “todas as fêmeas”, mas abre para o espaço infinito. Lacan aborda aí um dos pontos que o conduzirão a precisar, com a teoria dos conjuntos, a impossível relação lógica entre os sexos.**

---

procedimento que anunciei há pouco, sobre o que o próprio recurso ao princípio de contradição pode conter de implicação sexual. (LACAN, 1968-69/2008, p. 217)

“Todos os não-machos” não é equivalente a “todas as fêmeas”, mas abre para o espaço infinito. Lacan aborda aí um dos pontos que o conduzirão a precisar, com a teoria dos conjuntos, a impossível relação lógica entre os sexos.

“Não há a mínima realidade pré-discursiva, pela simples razão de que o que faz coletividade, e que chamei de os homens, as mulheres e as crianças, isto não quer dizer nada como realidade pré-discursiva. Os homens, as mulheres e as crianças, não são mais do que significantes”, afirma mais uma vez Lacan (1972-73/1985, p. 46), em *Mais, ainda*. Ele descarta toda ideia de uma relação natural entre os sexos, ressaltando que a sexualização é questão de identificação e de linguagem. Sublinha, no entanto, a dissimetria entre os termos homem e mulher:

Um homem, isto não é outra coisa senão um significante. Um homem procura uma mulher – isto vai lhes parecer curioso – a título do que se situa pelo discurso, pois, se o que aqui coloco é verdadeiro, isto é, que a mulher não é toda, há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso. (LACAN, 1972-73/1985, p. 46)

Por outras palavras, ele corrige a asserção precedente lembrando que não existe senão um único significante da diferença sexual, o Falo, aquele cuja marca faz o homem. Conviém distinguir os termos do discurso corrente “homem” e “mulher”, que são  $S_2$ , significantes

da língua comum, da dimensão do significante como marca, como  $S_1$ , ou mesmo como letra (a isso voltaremos), à semelhança do significante fálico. É desse único ponto de vista que não existe um significante d'A Mulher, como ele ainda esclarecerá. Não há senão um único significante da diferença dos sexos, definindo-se a posição feminina, em primeiro lugar, negativamente em relação à posição masculina, como não tendo o falo.

Como indicará Lacan (1968-69/2008, p. 216) em *De um Outro ao outro*:

a lógica freudiana, [...] indica-nos com clareza que não pode funcionar em termos polares. Tudo o que ela introduziu como lógica do sexo decorre de um único termo, que é realmente seu termo original, que é a conotação de uma falta, e que se chama castração. Esse *menos* essencial é de ordem lógica, e sem ele nada pode funcionar. Tanto no homem quanto na mulher, toda normatividade se organiza em torno da transmissão de uma falta.

Esse termo que conota e “passa” a falta é o falo. Lembrando que o falo é o significante da castração, o que nomeia o que falta ao Outro (materno), e ele põe em valor sua função particular na sexuação, que faz dele um termo pivô, indispensável e insubstituível, o único que intervém no nível da sexuação.

A partir desse Seminário, Lacan (1968-69/2008, p. 220) assim o precisa:

O que eu lhes disse – que não existe relação sexual –, se há um ponto em que isso se afirma na análise, e tranquilamente, é que a Mulher, não sabemos o que é isso. Ela é desconhecida no lugar – a não ser, graças a Deus, por representações. Desde sempre, nunca foi conhecida senão desse modo. Se a psicanálise destaca justamente alguma coisa, é só que a conhecemos por um ou mais representantes da representação.

É o que Lacan retoma em *Mais*, ainda, ao distinguir o significante do lado homem e o conhecimento que se tem da mulher pelo discurso. Já em *De um Outro ao outro*, aborda a

questão da sexuação feminina a partir de uma falta de significante relativa ao fato do falo ser o único significante da diferença sexual:

Se em sua essência a Mulher é alguma coisa, e disso nada sabemos, ela é tão recalcada para a mulher quanto para o homem. E o é duplamente. Primeiro no sentido de que o representante de sua representação está perdido, de que não se sabe o que é a Mulher. Depois, porque esse representante, quando é recuperado, é objeto de uma *Verneinung*. Que outra coisa senão uma denegação é lhe atribuir como característica o não ter precisamente aquilo que nunca se tratou que ela tivesse? É somente por esse ângulo, no entanto, que a Mulher aparece na lógica freudiana – um representante inadequado, de lado, o falo, e em seguida a negação de que ela o tenha, isto é, a reafirmação de sua solidariedade com esse trecho, que talvez seja mesmo seu representante, mas que não tem nenhuma relação com ela. Por si só, isso deveria dar-nos uma aulinha de lógica, e permitir-nos ver que o que falta ao conjunto dessa lógica é precisamente o significante sexual. (LACAN, 1968-69/2008, p. 221)

Assim, Lacan (1968-69/2008, p. 222) constata que, na pré-história, as estatuetas de mulher as representavam sob a forma de um “baloizinho”, apontando uma falta em termos de forma, de representação. Ele voltará sempre à particularidade do significante fálico, causa da ausência de relação entre os sexos.

A função dita do falo – ele enuncia, em *De um discurso* que não fosse do semblante, que é, a bem dizer, a mais mal manejada, mas que está aí e funciona no que concerne a uma experiência, que não está somente ligada a não sei o quê que seria considerado desviante, patológico, mas que é essencial enquanto tal à instituição do discurso analítico –, essa função do falo torna doravante insustentável a bipolaridade sexual, e insustentável de uma forma que volatiliza literalmente o que se pode escrever dessa relação. “É preciso distinguir o que sucede com essa intromissão do falo do que alguns acreditaram pode traduzir pela expressão *falta de significante*. Não é de falta de



significante que se trata, mas do obstáculo feito a uma relação" (LACAN, 1971/2009, p. 62).

---

**Não há relação natural entre o homem e a mulher porque a sexuação e a sexualidade não se situam senão pelo significante e pelo significante particular, que é o falo, como mediador entre os sexos, aquele que orienta o gozo sexual, do qual ele parte**

---

Lacan (1971-72/2012, p. 69) ressalta, em ...ou pior, que é "mais com o  $\Phi$  maiúsculo que com o outro, o parceiro, que todos se relacionam". Não há relação natural entre o homem e a mulher porque a sexuação e a sexualidade não se situam senão pelo significante e pelo significante particular, que é o falo, como mediador entre os sexos, aquele que orienta o gozo sexual, do qual ele parte, assim como formula Lacan (1972-73/1985, p. 15-16) em Mais, ainda, embora o gozo do corpo do Outro não dependa disso (ele depende de  $a$ ). "O gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão" (LACAN, 1972-73/1985, p. 15), ele enuncia; isto é, que

o homem não aborda o Outro sexo senão por intermédio do significante fálico (que Lacan reporta então aos caracteres sexuais secundários concebidos como traço sobre o corpo, precisando que "Nada distingue a mulher como ser sexuado senão justamente o sexo"). Ele nota mais adiante que o gozo é aparelhado pela linguagem, e que "a realidade é abordada com os aparelhos do gozo" (LACAN, 1972-73/1985, p. 75), em outras palavras, que o falo é um desses aparelhos do gozo que serve para abordar o Outro sexo. Todavia, indica igualmente, no Seminário De um discurso que não fosse do semblante, que o falo não é por isso um meio, pois do lado da mulher subsiste algo de desconhecido, que não se deixa nomear (LACAN, 1971/2009,

p. 132-133). Por outro lado, o homem não aborda o Outro sexo senão colocando em jogo o falo, como aquilo que o faz homem, aquilo de que ele goza. “O gozo, enquanto sexual, é fálico, quer dizer, ele não se relaciona ao Outro como tal”, indica Lacan (1972-73/1985, p. 17-18).

Além disso, Lacan prolongará a construção lógica de sua afirmação “não há relação sexual” ao delimitar as consequências da especificidade do falo como único significante da diferença dos sexos, assim como da consequente ausência de um significante d’A Mulher, precisando a noção de relação, em sua dimensão de escrita lógica.

Ele explora os paradoxos da negação, precisando primeiramente que não  $x$  é o espaço infinito. É a partir daí que ele se apoiará na lógica dos conjuntos para situar a dissimetria entre homens e mulheres. Se homem e mulher não se definem senão a partir do significante fálico, então, não há significante d’A Mulher, significante específico à altura do falo para as mulheres. Todavia, Lacan não se limitará a uma definição pela negativa – elas não são não-homens –, aliás, precisamente, a negação abre para o espaço infinito, ou seja, precisamente para uma ausência de nomeação, para a ausência de um conjunto fechado, definindo um universal do tipo “todas as mulheres”.<sup>1</sup> Ele indica, então, que as mulheres não estão todas na função fálica, que uma parte de seu gozo não está correlacionada

ao falo, mas à falta de um significante para dizer seu ser, e postula para as mulheres um gozo suplementar ligado a essa falta de ser, de nome. Ele precisa esse ponto com a teoria dos conjuntos, distinguindo o Um do elemento e o Um do conjunto (LACAN, 1971-72/2012).

Para fechar um conjunto, é necessário estabelecer uma coleção que se possa reunir sob um mesmo significante. Ora, é precisamente esse Um do conjunto que falta do lado mulher, o que faz com que não se possa fechar o conjunto das mulheres, permanecendo este um conjunto aberto, infinito. O significante fálico tampouco serve para fechar esse conjunto, delimitá-lo, defini-lo; assim, as mulheres não são também todas na subordinação ao falo. Lacan define antes a posição feminina em relação à falta de um significante para dizer seu ser.

Com o não-todo, Lacan introduz igualmente um infinito que vem furar o todo de alguma maneira. Jacques-Alain Miller (2008), em *El partenaire-sintoma*, escreve o não-todo por um compartimento hachurado no interior do todo, em sua borda, designando um limite no todo, ressaltando assim a particularidade do não-todo de subverter também o todo. É assim que o não-todo se generaliza no último ensino, quando Lacan enfatiza um gozo não-todo fálico, não edipiano, no nível do sinthoma, rompendo definitivamente com uma perspectiva edipiana.



do lado da negação). Por outro lado, ela goza dessa própria falta de um significante para nomeá-la, ou seja, de  $S(\square)$ , “esse significante, como esse parêntese aberto, marca o Outro como barrado –  $S(\square)$ ” (LACAN, 1972-73/1985, p. 20), da falta de um significante no Outro, um gozo propriamente feminino.

O conjunto dos homens, por sua vez, é fechado. O falo é o significante que lhe dá o Um, constituindo a possibilidade de dizer “todos os homens”, de definir um universal. Todavia, Lacan (1972-73/1985, p. 107) se apoia igualmente na lógica para situar o falo como uma função, e esclarece que essa função lógica encontra seu limite no postulado de um elemento que a contradiz: a função paterna ( $\square x \Phi x$ ).

As fórmulas da sexualização definem uma dissimetria fundamental entre a posição masculina e a posição feminina, das quais Lacan precisa bem que se tratam de posições lógicas e que homens e mulheres podem se inscrever de cada lado do quadro, sem que se escreva uma relação lógica entre os termos do quadro. Em termos de gozo, Lacan nota, do lado mulher, a divisão entre gozo fálico e gozo feminino; do lado ho-

<sup>1</sup> Conforme o Seminário 18: “o *todas as mulheres* não existe. Não existe universal da mulher. É isso que é levantado por um questionamento do falo, e não da relação sexual” (LACAN, 1971/2009. p. 64).

---

**Enfim, Lacan precisa o que ele entende por relação. Uma relação é o que se escreve, notadamente, sob a forma de uma fórmula matemática estabelecendo uma relação lógica. Para delimitar a inexistência da relação sexual, ele passa, antes de tudo, pela lógica das relações.**

---

mem, a divisão entre gozo e amor. De um lado, o gozo fálico, como gozo do órgão: o falo está colocado do lado homem; do outro  $S \square a$ , a está situado do lado mulher, “o objeto que se põe no lugar daquilo que, do Outro, não poderia ser percebido”, no lugar do “parceiro que falta” (LACAN, 1972-73/1985, p. 85-86). Notemos que homens e mulheres, na medida em que se trata aí de posições lógicas, cabem nos dois lados do quadro. Todavia, a dissimetria deste interpreta a inexistência da relação sexual.

O filme de Woody Allen intitulado *Você vai conhecer o homem dos seus sonhos* (You will meet a tall dark stranger) ilustra as manifestações da inexistência da relação sexual. Nenhuma afinidade social, intelectual, familiar (os filhos) basta para assegurar a perenidade dos casais, a não ser um grão de loucura. Assim, só aquele formado por Elena, a mãe que põe sua vida nas mãos de uma vidente, e Jonathan, que tem uma livraria oculta, crê na comunicação com os mortos e pede à sua falecida esposa autorização para formar um casal com Elena, parece destinado a um certo futuro.

A filha de Elena, casada com um escritor malsucedido, espera que ele consinta em lhe dar um filho e se impacienta com seus fracassos editoriais, enquanto brilha a seus olhos o diretor da galeria para o qual ela trabalha e a quem se esforça em satisfazer. Ela é tocada por suas atenções (ele a leva à Ópera porque sua esposa não está disponível (!) e fala de si para ela), suas palavras, a posição de exceção que ele parece lhe conferir em seu trabalho e para além dele. A personagem ilustra a versão

feminina da busca fálica: uma palavra de amor que a coloca em posição de exceção, que a nomeia. Mas o gozo do patrão está em outro lugar, voltado para a artista que lhe oferece uma aventura sem promessa de amanhã, para aquela que se faz enigma, objeto causa de seu desejo.

O escritor, a quem falta autoestima, e cuja esposa recusa suas expectativas sexuais se ele não lhe promete um filho, buscará sustentar suas insígnias fálicas junto à jovem e misteriosa musicista do prédio em frente, que se deixará levar pela impostura do grande escritor (ele publica sob seu nome o manuscrito de um amigo que ele crê morto). Encarnação da versão masculina do gozo fálico, ele goza de ser um homem brilhante junto a ela e escolhe, por outro lado, aquela que consente com seu desejo sexual.

Enfim, Lacan precisa o que ele entende por relação. Uma relação é o que se escreve, notadamente, sob a forma de uma fórmula matemática estabelecendo uma relação lógica. Para delimitar a inexistência da relação sexual, ele passa, antes de tudo, pela lógica das relações.

[a fórmula “não há relação sexual”] ela só tem suporte na escrita, no que a relação sexual não se pode escrever. Tudo que é escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual. É daí que há um certo efeito do discurso que se chama a escrita.

Podemos, a rigor, escrever  $x R y$ , e dizer que  $x$  é o homem, que  $y$  é a mulher e  $R$  é a relação sexual. Por que não? Só que é uma besteira, porque o que se suporta sob a função do significante, de homem, e de mulher, são apenas significantes absolutamente ligados ao uso discorrente da linguagem. (LACAN, 1972-73/1985, p. 49)

Não se pode escrever  $x R y$  porque não há  $y$ , não há significante d’A Mulher.

#### IV. O amor

Ele esclarece, então, a distinção entre o que se escreve e o que não cessa de não se

escrever com a ajuda da escrita da relação lógica sob a forma de uma barra que separa e que liga dois elementos. “A barra”, indica Lacan (1972-73/1985, p. 49), “é precisamente o ponto onde, em qualquer uso da língua, se dá a oportunidade de que se produza o escrito”. Essa barra é também aquela que separa o significante e o significado no algoritmo de Saussure (que ele inverte e escreve  $S/s$ ), que se insinua entre eles, como um outro efeito da linguagem (além daquele de significar). A função do escrito, da letra, se acrescenta àquela da significância, mas “o escrito”, esclarece ele, “não é algo para ser compreendido” (LACAN, 1972-73/1985, p. 49). Lacan (1972-73/1985, p. 61) toma como exemplo

entre simbólico e real, o traço unário e o objeto,  $S_1$  e  $a$ . A letra tem uma função litoral, de borda, ela está em contato com dois elementos heterogêneos, “sem medida comum”, que fazem borda um para o outro. A escrita é um efeito que se acrescenta à linguagem, além da significância, do laço e da ruptura significante/significado, e visa o real.

Assim, não há escrita da relação sexual, pois os elementos significantes, homem e mulher, os  $S_2$ , pertencentes ao discurso corrente, não podem se ligar senão acima da barra do algoritmo saussuriano (no nível do significante). Devido à falta do significante d’A Mulher, não pode haver ligação lógica entre dois elementos distintos, mas igual-

pouco de sério, a letra da carta de amor”, ele enuncia, jogando com o equívoco do termo “carta/letra” (lettre), mas apontando o quanto a prática epistolar no amor não tem nada de accidental.

O amor é sempre recíproco, afirma ele, porque o desejo do homem é o desejo do Outro, como ele havia podido colocar desde o Seminário 5, precisando que o desejo é desejo de desejo, ou seja, desejo de ser desejado, que o desejo é contingente à suposição de um desejo no Outro, mas por causa de sua falha. No Seminário 8, A transferência, Lacan (1971/2009, p. 435) esclarecia igualmente que o amor está correlacionado à falta e, portanto, ao significante, que sua metáfora repousa na substi-

---

### **Em contrapartida, o quadro das fórmulas da sexuação faz aparecer a função da letra no nível do amor ( $S \rightarrow a$ ). Notemos que a seta liga então a parte homem do quadro à parte mulher, ela transpõe uma borda.**

---

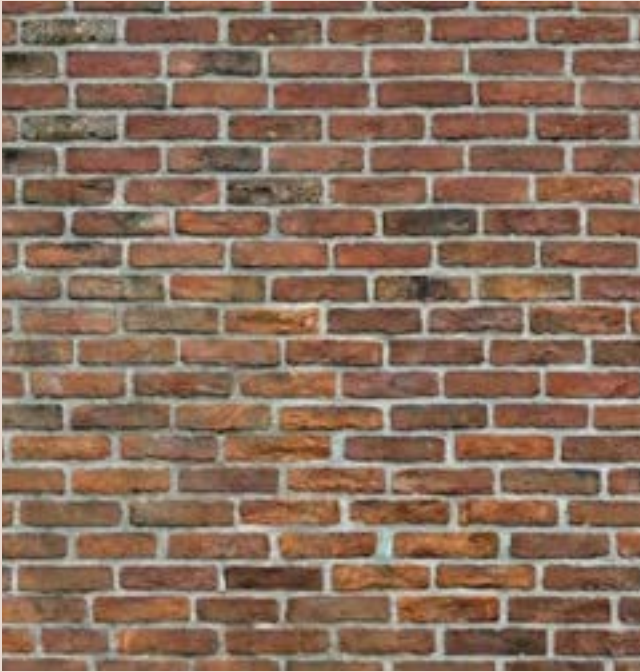
a letra matemática, fora do sentido, que visa um real. Ela é o que se articula dos efeitos de linguagem, “revela” a gramática (as letras matemáticas essenciais, operatórias, são as letras das funções lógicas que as variáveis põe em evidência, realizam). A letra matemática não visa o sentido, mas “essa articulação se faz naquilo que resulta da linguagem, o que quer que façamos, isto é, um suposto aquém, e um além” (LACAN, 1972-73/1985, p. 61); em outras palavras, ela aponta para o real, para uma escrita deste último. A letra estabelece uma relação entre dois termos e, mais precisamente, tal como ele a define em “Lituraterra” (LACAN, 1971/2003),

menteligaçãodaordemdeuma letra que enlaça intimamente duas dimensões heterogêneas, pois se o significante d’A Mulher existisse, seria de qualquer forma entre dois significantes que tal ligação se operaria.

Em contrapartida, o quadro das fórmulas da sexuação faz aparecer a função da letra no nível do amor ( $S \rightarrow a$ ). Notemos que a seta liga então a parte homem do quadro à parte mulher, ela transpõe uma borda.

Por várias vezes no Seminário 20 Lacan (1972-73/1985, p. 113) situa o amor do lado da função da letra: “a única coisa que se pode fazer um

tuição do desejante que coloca o parceiro no lugar de objeto do desejo em vez de desejado, pois o que é desejado é o desejante no outro, “o que só se pode fazer se o próprio sujeito for colocado como desejável”. A demanda de amor parte da falha no Outro, ela é demanda de ser amado, mas ela visa ao ser, o complemento de ser que nos falta, “isto é, aquilo que, na linguagem, mais escapa” (LACAN, 1972-73/1985, p. 55). “A linguagem nos impõe o ser”, indica Lacan (1972-73/1985, p. 61), “e nos obriga como tal a admitir que, do ser, nunca temos nada”. O sujeito busca em seu parceiro este semelhante de ser suposto a este



objeto que é o  $a$ , esclarece ele ainda nesse Seminário (LACAN, 1972-73/1985, p. 124). “A abordagem do ser, não é aí que reside o extremo do amor?” (LACAN, 1972-73/1985, p. 200). Assim, o amor visa o objeto “substituto do Outro”, (LACAN, 1972-73/1985, p. 171) do qual depende o gozo, que o causa.

Contrariamente ao que adianta Freud, é o homem – quero dizer, aquele que se vê macho sem saber o que fazer disto, no que sendo falante – que aborda a mulher, que pode crer que a aborda, porque, com respeito a isto, as convicções, aquelas de que eu falava da última vez, as *cão-vicções*, não faltam. Só que, o que ele aborda, é a causa de seu desejo, que eu designei pelo objeto  $a$ . Aí está o ato de amor. (LACAN, 1972-73/1985, p. 98)

O verbo “abordar” não está aí por acaso, pois ele ressalta precisamente que o amor é o estabelecimento de uma borda, entre  $S$  e  $a$ ,  $S$  que ele remete um pouco mais acima ao um sozinho, ao  $S_1$ . Ele enuncia mais adiante: “Do lado do homem, inscrevi aqui [...] o  $\$$ , e o  $\Phi$  que o suporta como significante, o que bem se encarna também no  $S1$ ”, indicando “este  $\$$  assim duplicado desse significante do qual em suma ele nem mesmo depende, esse  $\$$  só tem a ver, enquanto parceiro, com o objeto a inscrito do outro lado da barra” LACAN, 1972-73/1985, p. 107-108). O amor em Mais, ainda é uma primeira escrita daquilo que será o sin-

thoma  $S_1a$ . É nesse sentido que o amor é um funcionamento da letra e que Lacan (1972-73/1985, p. 62) pode afirmar que “o que faz suplência à relação sexual é precisamente o amor”. Ele aponta ainda a dimensão de letra do amor quando ressalta que ele liga o Um

---

**O amor em Mais, ainda é uma primeira escrita daquilo que será o sinthoma  $S_1a$ . É nesse sentido que o amor é um funcionamento da letra e que Lacan (1972-73/1985, p. 62) pode afirmar que “o que faz suplência à relação sexual é precisamente o amor”.**

---

e o Outro por intermédio de  $a$  (LACAN, 1972-73/1985, p. 67). Ele precisará igualmente nesse Seminário que a função de borda da letra é sustentada pela dimensão de semblante do objeto  $a$ , entre simbólico e real, o objeto  $a$  é um recorte no real, um “pedaço de real”, é o que lhe permite se confundir com o  $S_1$ . O amor é o que faz com que isso cesse de não se escrever, ou, mais precisamente, nota Lacan (1972-73/1985, p. 198-199), o que faz “passar a negação ao *não pára de se escrever*, não pára, não parará”, eco de sua asserção no início do Seminário: “O amor demanda o amor. Ele não deixa de demandá-lo. Ele o demanda... *mais... ainda*” (LACAN, 1972-73/1985, p. 12), apontando o lado insaciável do amor, insatisfatório, sempre a reescrever. Lacan não adota nenhum ponto de vista idealista.

Não obstante, Jacques-Alain Miller (2005, p. 18) observa que “a questão do amor a partir do Seminário Mais, ainda conhece uma promoção toda especial, porque o amor é o que podia fazer mediação entre os um-sozinhos”. Outro efeito da escrita que ele produz: o amor liga, ele vai ao avesso da solidão fundamental da civilização contemporânea baseada na promoção de um gozo solitário. Pensemos ainda no transtorno produzido pela chegada de Sophie na vida do mágico de A magia ao luar, desalojado da solidão de suas pesquisas, isolado em seu escritório.

## Conclusão: De Yann Andrea a Woody Allen

Para concluir, ilustremos pela negativa o que significaria se houvesse a relação sexual, como por vezes na psicose. O laço que une Yann Andrea a Marguerite Duras é exemplar. Último companheiro dela, ele atesta, em seu livro intitulado *Este amor*, a particularidade desse laço. Página em branco, aquele que diz de si, depois da morte dela, que ele é uma lata de lixo, incapaz de se virar sozinho e que se deixará morrer, se define assim: “Não estou preso a nada. Disponho de uma formidável capacidade de não fazer nada, absolutamente nada. Não vale a pena” (ANDREA, 1999, p. 122, tradução nossa), sua existência se resume a olhar e estar aí, deixando entender claramente sua identificação ao objeto  $a$  que, não extraído, não é colocado no Outro, não atrai nenhum desejo. Sonhando ser escritor, ele se agarrou, num encontro improvável, a Marguerite Duras, pondo-se a serviço de sua escrita, transcrevendo o que ela ditava. Ela lhe deu um nome, literalmente. Ela ocupa o lugar de Deus, ela nomeia, enlaça a voz e a palavra.

Eu digo isto: no deslumbramento do encontro, durante o já famoso verão de 80, há a voz. Sua voz. O modo de dizer inteiramente as palavras, o modo de ir buscar a palavra, de encontrar a palavra justa, a palavra verdadeira, de deixar a palavra chegar até a boca passando pelo silêncio do pensamento. (ANDREA, 1999, p. 41, tradução nossa)

E, ainda: “Quando ela fala, ela parece inventar a palavra, e eu ouço a palavra pela primeira vez, como se ela nunca tivesse sido dita antes”, “Ela é a autora das palavras e a autora de sua própria voz” (ANDREA, 1999, p. 42, tradução nossa).

$S_1$  do lado dela, ou mesmo A Mulher, da qual Lacan diz que ela é o Outro nome do Pai, pequeno  $a$  do lado dele, as condições estão reunidas para que isso se escreva entre eles, pelo menos às vezes, temporariamente, notadamente nos momentos de escrita. Eis o que ele diz disso: “E nesse momento há, direi assim, uma terceira pessoa conosco. Nós não existimos mais. Não há mais nome de autor, há simplesmente a escrita que está sendo

produzida. E é uma emoção tal [...] uma emoção da verdade” (ANDREA, 1999, p. 38, tradução nossa). Ela se tornou seu próprio nome:

Posso dizer assim: ela inventa, ela crê nisso, ela me inventa, ela me dá um nome, ela me dá uma imagem, ela me chama, ninguém me chamou tanto quanto ela, dia e noite, ela me dá as palavras, palavras, suas palavras, ela dá tudo, e eu estou aí, estou aí para isso. Não faço perguntas, não peço nada. (ANDREA, 1999, p. 50, tradução nossa)

Versão última, paroxística do amor, ele ilustra uma condição de possibilidade de um amor que faz verdadeiramente relação, ao preço de sua própria inexistência. Ele enuncia, ao mesmo tempo, o impossível:

Ela tomou tudo. Eu dei tudo. Inteiramente. Exceto que não havia nada para tomar. Eu estava lá. Totalmente. Não para ela, não, acontece que era ela que estava lá, portanto eu estava lá para ela, mas antes de tudo eu estava lá perto dela, o mais perto sem nunca cessar de estar separado dela. Ela quer tudo de mim, até o amor, até a destruição, até a morte compreendida, ela quer acreditar com todas as suas forças nesta ilusão magnífica, ela acredita nisso, ela se dá todos os meios para criar uma espécie de amor total, de todos os instantes, ela sabe que não é possível, que eu não sou fácil, que eu resisto, que não posso fazer mais e, no entanto, ela insiste, ela quer mais, como uma espécie de desafio heroico e vão. Para ela, para mim. Ela quer tudo, ela quer o todo e ela não quer nada. Nada de nada. E até o fim da vida, essa tentativa. Que eu e ela, que isso faça Um, ao passo que não, isso não é possível, em nenhum caso, em todos os casos isso falha, ela sabe, ela sabe disso, ela sabe que ela e eu, isso faria antes três. Que a resolução provisória, a tentar, a refazer sempre, passa por um terceiro elemento: a escrita. (ANDREA, 1999, p. 67, tradução nossa)

Quem não concluiria, de fato, que o fracasso é preferível? Que ilustração mais con-

tudente da maneira como a relação sexual se relaciona a uma escrita. Assim, ele enuncia ainda:

Não, não espero nada. *No money. Nothing.* Apenas você. Sua pessoa ligada a mim e a minha à sua. Numa espécie de laço imbecil, absurdo, que não tem sentido, isso não rima com nada, você diz isso. Isso não rima em nada, sim. E no entanto isso está aí. O quê? O que estaria aí que existiria como uma prova da existência de Deus, uma prova impossível, sempre a verificar, sempre a provar, enquanto se sabe que não há prova, sim sabe-se, não haveria senão palavras, que a verdade que tenta sempre estar aí entre nós, que existe por vezes, ela está aí, numa espécie de graça insustentável, então é preciso ir além, amar-se, amar o mundo ainda mais e ela volta, ela está aí, a verdade da palavra. (ANDREA, 1999, p. 146-147, tradução nossa)

Tudo opõe Woody Allen e Yann Andrea. Para este último, uma versão pura, mas insustentável e desumanizada do amor, que, no entanto, o sustentou ao preço de seu desmoronamento com a morte de Marguerite Duras; para Woody Allen, o humor e a leveza do fracasso generalizado, reflexo de nossa humanidade. Escolhamos.

Nossos sinceros agradecimentos à Sophie Marret-Maleval por nos permitir a publicação de seu texto neste número de Almanaque On-line.

#### Referências

- ANDREA, Y. *Cet amour-là*. Genebra: Jean-Jacques Pauvert, 1999.
- BAUDELAIRE, C. *Mon cœur mis à nu (Deuxième partie des journaux intimes)*. 1887. Disponível em: [http://elg0001.free.fr/pub/pdf/ baudelaire\\_mon\\_coeur\\_mis\\_a\\_nu.pdf](http://elg0001.free.fr/pub/pdf/ baudelaire_mon_coeur_mis_a_nu.pdf). Acesso em: 01 dez. 2025.
- CHATEAUBRIAND, F.-R. *Atala*, suivi de René. Paris: Flammarion, 2014. (Trabalho original publicado em 1964).
- FREUD, S. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I). In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Trabalho original publicado em 1910).
- FREUD, S. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II) (1910). In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Trabalho original publicado em 1910).
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXI, 1996. p. 74-171. (Trabalho original publicado em 1930).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. (Trabalho original proferido em 1972-73).
- LACAN, J. Radiofonia. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. (Trabalho original publicado em 1970).
- LACAN, J. Lituraterra. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. (Trabalho original publicado em 1971).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de Vera Ribeiro; preparação de texto de André Telles; versão final Angelina Harari e Jésus Santiago. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. (Trabalho original proferido em 1968-69).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. (Trabalho original proferido em 1971).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de Vera Ribeiro; versão final de Marcus André Vieira; preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012. (Trabalho original proferido em 1971-72).
- MILLER, J.-A. *Causerie sur l'amour*. *Cahiers de l'ACF-VLB*, n. 10, 1998.
- MILLER, J.-A. Uma fantasia. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n. 42, p. 7-18, fev. 2005.
- MILLER, J.-A. *El partenaire-sintoma*. *Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- MILLER, J.-A. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana online*, ano III, n. 7, p. 1-49, mar. 2012. Disponível em: [http://www.opcoalacanianana.com.br/pdf/numero\\_7/Os\\_seis\\_paradigmas\\_do\\_gozo.pdf](http://www.opcoalacanianana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf). Acesso em: 01 ago. 2024.



# O ESPAÇO DE UM ABRAÇO: JOYCE LOM E SUA MULHER G(LOVE)

*Sérgio de Mattos*

Psicanalista

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP)

e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

A. E. em exercício, 2022-2024

E-mail: sergioecmattos@hotmail.com

Lacan se serve da metáfora da luva (*glove*), para pensar a relação entre Joyce e sua esposa Nora, explicando o que o permite ter um corpo e, pela via do amor, fazer existir sua esquisita relação sexual. Mas essa não é uma luva *prêt-à-porter*. Ele faz da luva-Nora sua própria obra, por meio da qual pode conter o corpo que lhe escapa. Depreende-se daí uma função estabilizadora para seu gozo. Nora é a mulher-ajuste, ajusta um corpo a Joyce. J.-A. Miller comenta que Lacan salva assim a relação sexual.

Mas o que quer dizer “salvar a relação sexual”, se Lacan é justamente aquele que enuncia o aforisma “não há relação sexual”? O amor e a arte são tentativas de contornar esse

impossível. Joyce, com sua invenção, escreve uma topologia do impossível: transforma o não-haver-relação em estilo, em *sinthoma*.

## *Ishmael in love*

Na ficção *Ishmael in love*, lemos o que se passa com o amor de um golfinho por Lisabeth, especialista nas relações entre humanos e cetáceos. O que é esse amor? A excitação e a ânsia de estar próximo. Qual a natureza dessa atração? “É minha necessidade da sua companhia” (SILVERBERG, 1980), diz Ishmael sobre Lisabeth. “Acredito que ela me compreende como nenhum membro de minha espécie é capaz de fazer” (SILVERBERG, 1980). O corpo é, entretanto, obstáculo: ele tem 175 kg e 2,9 m; ela, 1,80 m e 52 kg.

---

**Ele faz da luva-Nora sua própria obra, por meio da qual pode conter o corpo que lhe escapa. Depreende-se daí uma função estabilizadora para seu gozo. Nora é a mulher-ajuste, ajusta um corpo a Joyce. J.-A. Miller comenta que Lacan salva assim a relação sexual.**

---

Não estou seguro se sinto desejos sexuais, é mais como se um anseio generalizado gerasse uma perturbação generalizada por sua presença, que traduzo em termos



sexuais para tornar compreensível para mim [...] ela não tem os traços que busco em uma parceira, bico proeminente e elegantes barbatanas. Os traços físicos desejáveis da sua espécie não têm importância para mim e em alguns aspectos têm um valor negativo. É o caso das duas glândulas mamárias na região peitoral que certamente atrapalham seu nado. É certo que Lisabeth lamenta o tamanho e o lugar destas glândulas, já que cuidadosamente as cobre. (SILVERBERG, 1980)

---

**Essa cena lateraliza o aforisma lacaniano: a relação sexual não existe. A tentativa de união dos corpos culmina na asfixia. A relação, em vez de proporção, revela o abismo de espécie, de linguagem, de gozo. Onde Ishmael busca encontro, encontra-se o real do desencontro.**

---

Ishmael não entende a relação sexual entre humanos; considera possível que se reproduzam de maneira randômica, o que lhe parece estranho e perverso, e lamenta: "Preciso ler mais". Todo o conto converge para o desencontro. Arrebatado, deixa escapar: "Lisabeth, *I love you!* Venha viver comigo e ser meu amor" (SILVERBERG, 1980). Ao implorar por sua companhia, ela se desnuda na piscina; ele treme – "aquela feiura das glândulas e ainda aquele inesperado pedaço de pelos corporais adicionais" (SILVERBERG, 1980). Na água, esquecido de tudo, corre, aperta-a entre barbatanas, imaginando o abraço humano. Sente a mão que lhe batia, signo de reciprocidade; logo percebe, com o cérebro enevoado de paixão, que ela não tinha mais ar. Subiu rápido à superfície. "Minha querida Lisabeth estava chocada, ofegante, respirou fundo e tentou escapar de mim, exausta, seu pálido corpo tremendo. E, em voz fraca, disse: 'Você quase me afogou, Ishmael'" (SILVERBERG, 1980).

Essa cena lateraliza o aforisma laciano: a relação sexual não existe. A tentativa de união dos corpos culmina na asfixia. A relação, em vez de proporção, revela o abismo de espécie, de linguagem, de gozo. Onde Ishmael busca encontro, encontra-se o real do desencontro.

### **O espaço de um abraço**

Nas correspondências entre Joyce e Nora, verifica-se que a luva virada ao avesso é sua mulher, Nora. Desse modo, ele considera que ela lhe cai como uma luva. Não é apenas preciso que ela lhe caia como uma luva, mas que ela o cerre como uma luva... e acrescenta que ela também não serve absolutamente para nada.

Que ela lhe caia como uma luva, o cerre e não sirva para nada: são as três condições dessa construção. Ser uma luva fabricada à sua medida (*handmade*), que lhe dê consistência – mantenha seu corpo como um – e não sirva para nada, ser uma mulher degradada, tornada puro objeto-dejeto, produzindo uma localização para seu gozo.

A metáfora da luva da qual se serve Lacan baseia-se nas correspondências de Joyce e Nora e no opúsculo de 1768 de Kant, em que o filósofo utiliza essa peça do vestuário para provar a natureza real do espaço, isto é, sua existência como um *a priori*. Contudo, Lacan discorda dessa ideia kantiana de um espaço dado, conforme Kant (1768/1983) o concebe, mas, ao contrário, considera-o uma construção que depende do imaginário e do simbólico.

---

**A luva, como metáfora, portanto, não serve a Lacan para representar um espaço empírico, anatômico – aquele do corpo enquanto organismo delimitado –, mas para figurar uma topologia do gozo, em que o dentro e o fora se tornam reversíveis.**

---

A essa perspectiva lacaniana da construção do espaço corresponde portanto a da construção do corpo, da qual se serve Lacan, que se revela em Joyce, num texto escrito sobre a relação de Blake e sua mulher. Identificando-se a Blake, o escritor expõe sua própria relação com Nora:

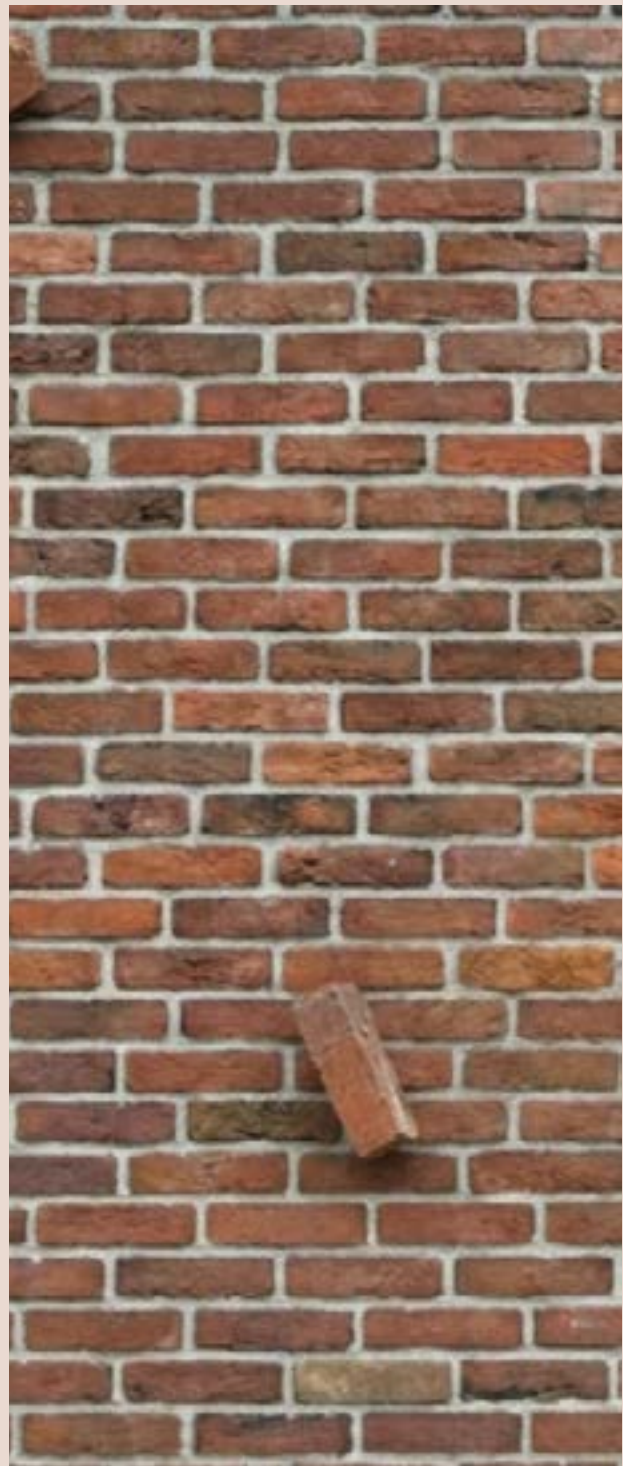
Blake não se sentia atraído por mulheres cultas ou refinadas; preferia a mulher simples, de mentalidade nebulosa e sensual, ou desejava que a alma de sua amada fosse uma criação lenta e dolorosa sua, libertando e purificando diariamente, diante de seus próprios olhos, o demônio oculto na névoa. (JOYCE, 2012, p. 232)

Nas cartas endereçadas a Nora, ilustra-se a solução joyceana:

Querida *Butterfly*... Espero que tenhas recebido bem as luvas que te obsequiei... O par mais bonito é o de pele de raposa; estão forrados de sua própria pele, simplesmente postos ao avesso e devem ser quentes, quase tanto como certas partes do seu corpo, *Butterfly*... (JOYCE, 2000, p. 69)

A luva, como metáfora, portanto, não serve a Lacan para representar um espaço empírico, anatômico – aquele do corpo enquanto organismo delimitado –, mas para figurar uma topologia do gozo, em que o dentro e o fora se tornam reversíveis. Assim como uma luva pode ser virada do avesso sem que se perca a continuidade da superfície, o sujeito e o corpo se implicam por uma torção: não se trata de dois termos distintos (um sujeito e um corpo), mas de um único campo, o do gozo, que se volta sobre si mesmo.

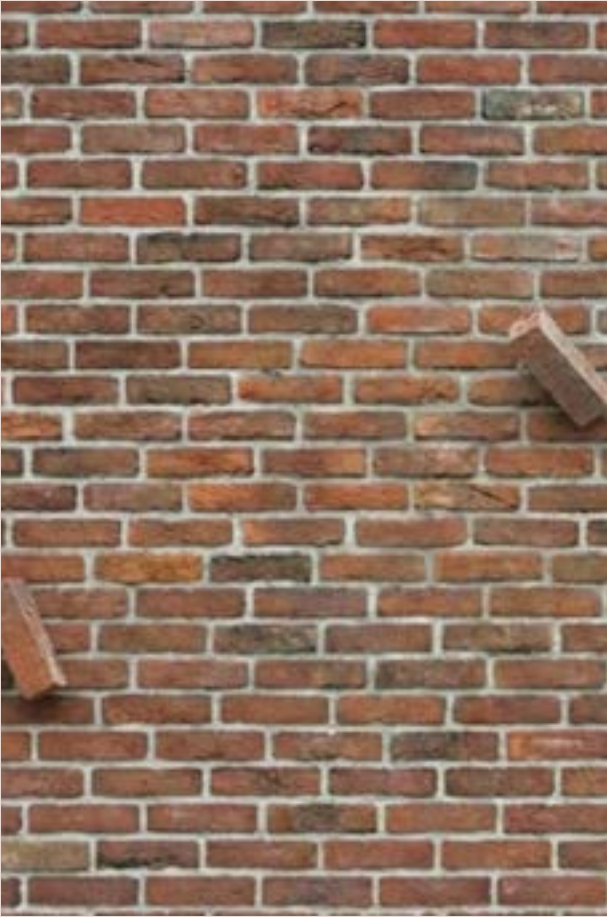
Em outras palavras, não se está dizendo que o corpo tem um interior psíquico e um exterior corporal, mas, ao contrário, que a linguagem vinda de “fora” do Outro percute e fura o corpo por “dentro”, e que o corpo, enquanto lugar de gozo, fura a linguagem por fora, o que nos faz pensar que o gozo ocorre na passagem de um lado ao outro, na fricção entre o significante e o corpo, entre o dizer e o sentir. O corpo é então aquilo que se veste e se despe da linguagem.



A luva revirada captura esse entrelaçamento sem interior e exterior estáveis, tornando preciso que seja estabilizado por uma borda, como uma luva.

### Se há relação sexual

Lacan encontra em Joyce um exemplo extraordinário da constituição de um corpo de gozo como um modo de lidar com a não relação entre os sexos.



**Essa “relação com o sinthoma” é, portanto, o que substitui a não-relação: é o parceiro real de cada um, o ponto de amarração que torna habitável o impossível do gozo.**

Miller (1986), ao comentar *O Sinthoma*, nota que, em Joyce, Lacan encontra uma invenção que faz suplência a esse impossível: trata-se da relação entre o sujeito e o seu sinthoma. Sinthoma entendido como a alteridade interna ao falasser, isto é, o modo singular com que cada um amarra o real do gozo e dá consistência corporal e subjetiva.

Dessa forma, “se há relação sexual”, ela só existe no sentido restrito e deslocado em que o sujeito mantém uma relação com o seu próprio sinthoma – e não com o outro sexo.

Essa “relação com o sinthoma” é, portanto, o que substitui a não-relação: é o parceiro real de cada um, o ponto de amarração que torna habitável o impossível do gozo.

Joyce, ao fazer de Nora sua “luva revirada”, e de sua escrita o lugar de consistência do corpo, é o exemplo dessa relação. No lugar da não-relação sexual, há relação sinthomática: o encontro entre o falante e a forma que ele inventa para amarrar seu gozo, como uma forma de suplência, fazendo um “modo de relação” possível, mas não entre dois sexos, e sim entre o sujeito e o seu sinthoma.

### Joyce salva

Segundo Miller, Joyce “salva” a relação sexual ao inventar uma topologia pautada na reviravolta da luva – uma forma singular de amarrar o que não se escreve, ou seja, amarrar a relação possível do sujeito com seu gozo.

Ó acolhe-me na tua... Em breve meu corpo vai penetrar no teu... Oxalá que eu pudesse aninhar-me no teu útero como uma criança nascida de tua carne e teu sangue... na quente penumbra secreta de teu corpo. (JOYCE, 2017, p. 34)

Para que seu corpo tenha consistência, Nora é onde o escritor pode manter-se alojado e delimitado. Lê-se nas cartas a ela endereçadas como o artista sem tantas condições financeiras se dedica a vesti-la com vestidos, joias e luvas:

Enfeita teu corpo para mim, caríssima. Quero-te bonita e feliz e amorosa e provocante, cheia de recordações, cheia de vontade, quando nos encontramos. Lembras dos três adjetivos que usei em *Os mortos* falando sobre teu corpo? São estes: musical, estranho e perfumado. (JOYCE, 2017, p. 30)

### LOM tem um corpo

“Fazer um corpo” é poder ter o ar de tê-lo – e dele gozar da melhor maneira e de modo mais vivível, já que não é possível gozar da completude da relação sexual. Assim, para LOM (nome sonoro que dá Lacan ao homem enquanto corpo/linguagem), o *ter* precede o *ser*. “Tenho um corpo!” parece ser a primeira ideia que temos de nós, nossa primeira aquisição. O que não ocorre sem que haja uma instauração do significante na carne pela via



do gozo da palavra, da materialidade do fonema. Para construir esse corpo, não é suficiente a da incorporação mecânica da informação, mas que a sonorização das palavras, os acentos, tons, inflexões musicais e vibrações configuram um gozo necessário para a instauração/grampeamento do simbólico, o LOM. Por isso a escrita de Joyce é tão musical.

### Um espelho topológico?

Joyce se arranja: há uma compatibilidade espacial entre ele e Nora-Love-Ajuste, quando, revirando a luva e vestindo-se desse espaço, passa a constituir seu corpo. A escrita faz a função da pele: delimita, envolve, amarra. É pela letra que o gozo se sustenta e que o corpo se torna habitável.

---

**Joyce é um LOM/Love/Luva; Ishmael, porém, permanece no sem-soutien da relação impossível.**

---

Ishmael, por outro lado, não será capaz de ter o corpo de Lisabeth como superfície ajustável; apesar de todo o simbólico adquirido, não terá o corpo da mulher – mesmo virando-a ao avesso. O imaginário, como registro constitutivo dessa geometria da relação

sexual, não lhe é topologicamente compatível.

Joyce é um *LOM/Love/Luva*; Ishmael, porém, permanece no *sem-soutien* da relação impossível.

Quando Lacan diz que o corpo é tomado como uma “luva revirada”, ele indica que: o corpo só se torna reversível se há uma superfície contínua; e que essa superfície é dada pela imagem do corpo. É a Gestalt especular que cria a borda, o dentro e o fora, e que permite que o corpo seja torcido, furado e “costurado” como uma luva. Sem essa consistência imaginária, não haveria superfície para o reviramento, apenas a irrupção fragmentada do gozo. É por isso que, em Joyce, a imagem corporal de Nora pode funcionar como borda de seu sinthoma, enquanto, para Ishmael – cuja imagem corporal não encontra compatibilidade com a forma humana –, a inexistência do suporte imaginário torna impossível a suplência da relação sexual, restando-lhe apenas o real do desencontro. O corpo de Lisabeth, não sendo topologicamente compatível com o esquema corporal do golfinho, faz com que Ishmael permaneça *sem-soutien* da relação impossível – *soutien* como suporte e referindo-se à peça de roupa íntima feminina que tem a função de sustentar, acomodar e modelar os seios.

A escrita de Joyce funciona como superfície mimética que especulariza o corpo de Nora e o transforma em borda para o corpo dele. Não é uma representação simbólica, mas uma operação topológica: a continuidade imaginária do corpo de Nora é revertida como luva e, na escrita, torna-se a pele suplementar onde Joyce encontra consistência. Assim, a letra mimetiza a forma dela e, ao mesmo tempo, recobre o gozo dele, permitindo-lhe “fazer um corpo” a partir da superfície da amada

### O amor como suplência do impossível

O aforisma “não há relação sexual” encontra em Joyce sua exceção poética. Ele não escreve a relação sexual – escreve *o impossível dela*. O amor, em sua forma sinthomática, não é fusão, mas invenção e modo singular de dar corpo ao furo.

Lacan dirá que o amor é o que “dá o que não se tem a quem não é” – e Joyce encarna

essa dádiva paradoxal, dando a Nora seu corpo ausente para que nela construa e encontre seu próprio lugar. Entre o golfinho e a mulher, o amor afoga; entre Joyce e Nora, o amor escreve.

É por isso que Lacan pode dizer, lendo Joyce, que só há relação sexual quando há invenção, quando o sujeito cria uma forma, uma topologia, para habitar o impossível.

Nora, como luva, é o *Love* que dá corpo ao *LOM*.

E, nesse gesto, Joyce reverte o aforisma: onde “não há relação sexual”, ele fabrica – de letra e de carne – o espaço de um abraço.

#### Referências

JOYCE, J. *Cartas de amor a Nora Barnacle*. Buenos Aires: Ed. Elaleph, 2000.

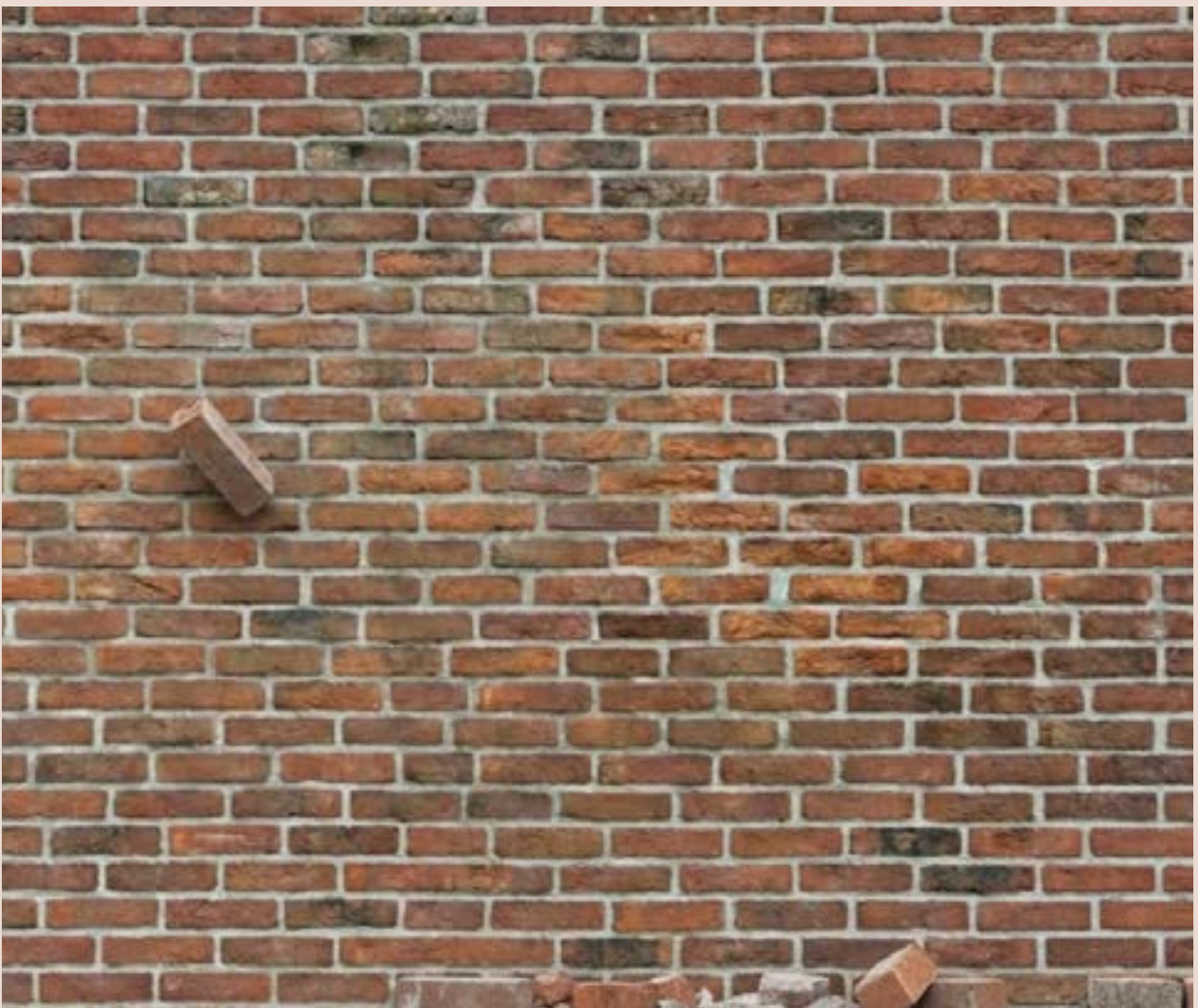
JOYCE, J. *Cartas a Nora*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

JOYCE, J. William Blake. In: *De santos e sábios*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

KANT, I. Sobre a primeira base da distinção entre esquerda e direita no espaço. In: *Escritos pré-críticos*. Lisboa: Edições 70, 1983. (Trabalho original publicado em 1768).

MILLER, J.-Alain. Lição IX – O Sinthoma. *Ornicar?*, n. 39, p. 13-16, 1986.

SILVERBERG, R. Ishmael in love. In: ASIMOV, I. (Org.). *The Future I*. New York: Fawcett Crest, 1980.



# O QUE SE CONVERSOU...

## De um brilho especial à obscuridade mortífera da realidade: ensinamentos de uma entrevista clínica

**Fernando Casula Ribeiro Pereira**

Psiquiatra e psicanalista

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP)  
e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

*E-mail:* fernando.casula@hotmail.com

“Sou portador de um brilho especial.”

Essa frase foi dita pelo paciente durante uma “entrevista clínica” de orientação lacaniana. Ela traduz o ponto fundamental do caso: o lugar de exceção que o sujeito se coloca. O brilho especial não é um brilho qualquer, ele é comparável e está igualmente sob o estatuto que rege a metáfora delirante “A Mulher de Deus” do presidente Schreber, embora não se constitua em si mesmo uma metáfora estabilizadora. Contudo, confere-lhe um lugar acima e fora da lei – além ou aquém de todo bem e de todo mal. Esse brilho reveste de sentido o que se apresenta como ponto de certeza do real que não recebe mediação pela lei simbólica, constituindo, assim, o cerne da defesa delirante de conteúdo místico interpretativo.

Importante marcar que uma “entrevista clínica” de orientação lacaniana, outrora conhecida como “apresentação de pacientes”, se diferencia, no que diz respeito à lógica discursiva, das apresentações



realizadas no contexto psiquiátrico clássico (FERREIRA, 2013). Pois trata-se de um dispositivo reconhecidamente de intervenção clínica capaz de produzir importantes efeitos terapêuticos, na medida em que favorece a presentificação do real colocado em cena pelo psicótico, conjugado ao saber fazer do entrevistador implicado com a transmissão desse real.

---

**Podemos dizer que a partir do lugar de exceção em que se aloja o sujeito, portador do brilho especial, toda uma cadeia de interpretação delirante se constrói**

---

Nesse sentido, vimos o entrevistador retomar insistentemente o dito brilho especial, certamente para dele extrair o fenômeno elementar em sua pungente certeza: um ponto de puro real assemântico encontrado num estado de trema, ou até mesmo numa alucinação corporal ou sensorial, antes que a interpretação delirante viesse a recobri-

-lo pelo sentido. Lembremos que Lacan buscava esse ponto em cada uma das entrevistas que fazia, segundo nos relembra J.-A. Miller (1996, p. 149) no texto “Lições sobre a apresentação de doentes”, em *Matemas 1*.

O paciente em questão não nos contou e nem apresentou este tipo de fenômeno durante a entrevista. O que ele nos oferece em forma de certeza é seu delírio. Lembremos que Lacan (1955-56/1992) no Seminário 3 também confere ao delírio o es-

tatuto de fenômeno elementar.

Podemos dizer que a partir do lugar de exceção em que se aloja o sujeito, portador do brilho especial, toda uma cadeia de interpretação delirante se constrói. Importante marcar que é no plano do pensamento que isso acontece. Vimos também o entrevistador, ao bom estilo de De Clérambault, procurar com uma certa insistência trazer à luz na fala do paciente a diferenciação do que no pensamento se deixa invadir



por outra ideia delirante, de uma possível sonorização do pensamento, o que em psicopatologia se chama de alucinação. Assim, podemos dizer que, no nível psicopatológico, deparamos com alterações tanto da forma, quanto do conteúdo do pensamento, e descartamos a presença de alucinações auditivas, o que nos permite inferir que se trata de uma psicose desencadeada delirante crônica sem alucinações.

O paciente não localiza com precisão temporal o momento a partir do qual começou ter essas ideias, mas faz uma ressignificação delirante de sua história desde a infância, remontando à época em que estava sendo gestado no útero de sua mãe: “Lá já havia os espíritos do mal prontos para não o deixarem nascer”. Sempre foi rodeado por esses espíritos, ou de pessoas que os encarnavam, e que exigiam dele combate espiritual.

O brilho especial lhe confere poder de se proteger e de proteger “as pessoas certas”. Cita músicas (funks e raps) que falam sobre isso... as interpreta como feitas para ele. Também se identifica a vários personagens bíblicos; no entanto, diz que seu caráter é único.

---

**A resposta do sujeito muitas vezes é a passagem ao ato agressivo, seja reativa ao delírio, seja impulsivamente buscando alívio afetivo.**

---

Cabe ressaltar que o mundo no tempo presente é constantemente reinter-

pretado, sem uma construção delirante sistematizada. As ideias são listadas uma ao lado da outra, sem se anularem, mesmo que sejam contraditórias, pois não obedecem à lógica formal do pensamento. Observamos que algumas respostas do paciente variam de acordo com o aspecto sonoro das palavras, e outras são construídas a partir de mal-entendidos colocados pelo entrevistador. Observamos falas repletas de deslizamentos metonímicos. Exemplos: “Nasci no mês sete... setembro... setembro amarelo. Sou amigo de Jorge e João... Jorjão. Sou a sobra ou sombra de Deus”. Inclusive o aparecimento de um mosquito durante a entrevista obedece a uma lógica semelhante: o mosquito pousava nele, logo estavam perturbados, tal como pousou na cama de uma criança que julgou ter sido abusada.

Cabe ressaltar que, embora tenha exposto livremente suas ideias, houve





um ponto central delirante dissimulado e que somente foi tocado de forma alusiva através de temas afins. O tema do abusador e da criança abusada assume relevância, assim como o uso abusivo de crack, a exposição à violência do tráfico e os atos agressivos reativos ao delírio fazem parte desse contexto e não foram ditos diretamente durante a entrevista. O portador do brilho especial se identifica tanto com o abusador quanto com o abusado, e, por não poder contar estruturalmente com o re-

curso do fantasma e da lei simbólica, sucumbe à certeza de um real que se impõe desde fora. A resposta do sujeito muitas vezes é a passagem ao ato agressivo, seja reativa ao delírio, seja impulsivamente buscando alívio afetivo.

---

**Espera-se que as construções teóricas a partir da clínica contribuam com a equipe de tratamento no sentido da condução do caso.**

---

A atividade entrevis-

ta clínica é composta por dois tempos: primeiro trata-se do encontro entre o entrevistador e o paciente entrevistado perante a plateia composta pela equipe de tratamento e demais interessados na transmissão da psicanálise e no segundo, os participantes do primeiro encontro, sem a presença do paciente, retomam as falas da entrevista numa discussão que visa a construção de saber clínico partindo do singular transmitido por um real enquanto “impossível de suportar”. Então, a partir de observações colocadas pelo comentador, a palavra circula entre participantes da plateia, em formato de conversa. Espera-se que as construções teóricas a partir da clínica contribuam com a equipe de tratamento no sentido da condução do caso. A discussão que se segue reflete isso.

**Considerações nosográficas e psicopatologia lacaniana**

Em relação ao aspecto semiológico, encontramos um paciente preservado do ponto de vista cognitivo e afetivo. O afeto é sintone sem ambivalências e

o humor normotímico, sem exaltações. A função sensoperceptiva encontra-se sem alterações, ou seja, não apresenta aparentemente alucinações.

Diante desses sintomas listados, consideramos a hipótese diagnóstica de paranoia interpretativa, e, como diagnóstico diferencial, esquizofrenia paranoide.

---

**A paranoia interpretativa é conhecida também como “loucura racional”. Obedece a uma lógica de decifração de acordo com um sistema fundamental de significação.**

---

O grupo das paranoias, também conhecidas como psicoses delirantes sistematizadas, encontra-se, conforme descreve Henry Ey (1981), elencadas no hall das doenças mentais crônicas. Esse grande grupo se subdivide em três:

- 1) Delírios passionais e de reivindicação
- 2) Delírio sensitivo de relação (Kretschmer)
- 3) Delírio de interpretação (Sérieux e Capgras)

Consideramos que o caso em questão se encontra classificado no grupo 3. A paranoia interpretativa é conhecida também como “loucura racional”. Obedece a uma lógica de decifração de acordo com um sistema fundamental de significação. A estrutura desses Delírios, como dizia Clérambault (por oposição aos Delírios



passionais), não é “em setor”, mas “em malha”. Ou seja, o conteúdo dos sistemas delirantes (interpretações, alusões, suposições, pseudo-raciocínios) constitui um sistema mais livre e difuso, uma justaposição ou mosaico de ideias delirantes, em vez de uma organização coerente e concisa. Dessa forma, o Delírio pode ser constituído pelos temas mais diversos. O tema da perseguição pode ir desde a perseguição policial ao complô de família ou de legiões de espíritos do mal, etc. Os temas megalomaníacos variam desde a filiação aristocrática à missão divina. O portador do brilho especial conjuga tanto a face megalomaníaca da missão divina quanto a persecutória.

Henry Ey enfatiza aspectos médicos jurídicos e envolvimento com a justiça rela-

cionados aos delírios paranoicos, os quais decorrem tanto de apelos reivindicativos dos próprios pacientes ou denúncias por parte de terceiros à agressividade reativa advinda de delírios de perseguição, quanto decorrentes de passagens ao ato ( atos auto e heteroagressivos cometidos como tentativa de alívio afetivo).

### ***Unglauben* freudiana e a certeza**

A descrença do sujeito psicótico no pai, naquilo que, no código da linguagem, representa a lei, Freud já a assinalava para Fliess no seu “Rascunho K”. Nele, podemos ler: “O elemento básico da paranoia é o mecanismo da projeção, que envolve a recusa da crença na autocensura” (FREUD, (1896/1976, p. 309). O que nos chama a atenção nesse esquema de Freud é que a “recusa de crença” é colocada por ele como anterior ao recalque e como condição de possibilidade para a existência de qualquer representação. Freud, ainda no texto citado, nos lembra que o delírio se instalaria, num segundo tempo, como tentativa de restauração da crença primária que não houve. A certeza delirante funciona pois como um substituto da crença primária. Essa recusa primária na autocensura que Freud detecta no paranoico é então tomada por Lacan como ausência de um dos termos da crença. Em um determinado momento, Freud retifica o mecanismo fundamental da paranoia como sendo a abolição: o que está abolido internamente é retornado desde o exterior. O que é lido por Lacan como: “O que não veio à luz no simbólico aparece no real”. Esse retorno vem como certeza em forma de delírio e alucinações,

como imposições e perseguições desde o campo do Outro.

---

**Ao contrário, a entrevista clínica bem conduzida pode favorecer a captura do real pelo simbólico, na medida em que o entrevistador não encarna o Outro gozador para o paciente.**

---



A descrença do psicótico na função de normatização do significante mestre não permite a subjetivação da censura. Embora a censura venha do Outro, a falta de crença na função do mestre colabora para não a ratificar, impossibilitando assim que o sujeito dela se aproprie.

No texto “De uma questão preliminar...”, Lacan utilizará com mais precisão essas operações, definindo que a *Verwerfung* (forclusão) age num ponto específico da cadeia, num determinado significante chamado por ele de Nome-do-Pai. Esse significante especial responde no Outro (matriz de significantes) pela possibilidade do efeito metafórico de substituição, pela possibilidade de funcionamento da própria lei do significante, e

pelo advir da significação fálica. Essa operação permite que o sujeito se sirva da linguagem enquanto discurso. A descrença em tal função – também designada como forclusão do significante Nome-do-Pai – resulta em que a causa não

cientista entrevistado, de portar o brilho especial, estaria aí localizada. A forclusão do significante Nome-do-Pai também marcaria para esse sujeito seu lugar de exceção, o qual a lei simbólica e a lei da cultura não ordenam.



adquira valor de existência para o sujeito e, assim, só poderá fazer-se “ex-sistir” no real (do lado de fora do simbólico). A certeza do pa-

C o n s i -  
derando os  
construtos  
expostos, dei-  
xo questões  
sobre possi-  
bilidades de  
intervenção  
e o limite do  
tratamento.  
Obviamente,  
evitar a repe-  
tição de atos  
agressivos  
faz parte da  
boa condu-  
ção clínica.  
Para tanto, a  
contenção fí-  
sica através  
dos serviços  
como o CAPS  
e as próprias  
paredes do  
hospital psi-

quiátrico estão indicadas em momentos específicos. O uso de neurolépticos também é indispensável. Intervenção biológica como eletroconvulsoterapia não

me parece indicada, pois interpretações delirantes não se mostram responsivas a essa intervenção. O tratamento psicanalítico tem sua indicação ao considerar o modo como se opera o fazer com o gozo. Assim, confrontar a certeza delirante do paciente com dados da realidade, não me parece indicado, pois servirá apenas para presentificar um Outro invasivo e gozador, reforçando a ideiação delirante e precipitando a possibilidade de atos agressivos. Ao contrário, a entrevista clínica bem conduzida pode favorecer a captura do real pelo simbólico, na medida em que o entrevistador não encarna o Outro gozador para o paciente. Preservar o vínculo frouxo entre o terapeuta e o paciente, assim como o manejo por parte do analista, visando a instalação do “benefício da dúvida” para intervir contra a certeza do real, são intervenções que possibilitam uma certa eficácia.

Para concluir, diria que atuações auto e heteroagressivas cometidas pelo paciente durante os anos passados, e que geralmente são passíveis de punição segundo o código penal, não devem permanecer na obscuridade, como se nunca tivessem acontecido. É melhor que sejam abordadas pela palavra e que tenham algum tipo de endereçamento à justiça. Pois a dificuldade de subjetivação da lei, característica da estrutura psicótica, somada à desresponsabilização pelos atos cometidos, pode favorecer a repetição desses atos.

#### Referências

- FERREIRA, C. Apresentação de pacientes: dispositivo e discursos. *Almanaque On-line*, n. 12, mar. 2013.
- MILLER, J.-A. Lições sobre a apresentação de doentes. In: *Matemas I*. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Tradução de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. (Trabalho original proferido em 1955-56).
- EY, H. Psicoses delirantes crônicas. In: *Manual de Psiquiatria*. 5. ed. Editora Masson do Brasil Ltda., 1981
- FREUD, S. Rascunho K: as neuroses de defesa. In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol. 1, 1976. (Trabalho original redigido em 1896).



# ENCONTROS

## ENTREVISTA

Algumas colegas da equipe editorial de *Almanaque on-line* disponibilizaram um precioso tempo no trabalho de tradução, revisão e identificação das referências bibliográficas nas publicações em português do texto da colega francesa Sophie Marret-Maleval. Tal texto recebeu a amável autorização da autora para sua publicação no presente número.

A complexidade da tarefa não lhes arrefeceu o entusiasmo, longe disso! O revezamento das funções e a disciplina de uma leitura rigorosa, imposta no exercício de verter ao português a elaboração de Sophie Marret-Maleval, foram uma experiência de transferência com o texto, representante da transferência à psicanálise lacaniana.

Em razão disso, Almanaque 36 decidiu colocar uma pergunta a cada uma das colegas sobre as formulações da autora. Acompanhe-mos suas respostas.

**Almanaque 36:** Sophie Marret-Maleval menciona que a inspiração do título de seu texto veio do poema em prosa de Baudelaire, “O meu coração desnudado”:

O mundo só anda pelo mal-entendido.

É pelo mal-entendido universal que todo mundo se põe de acordo.

Como esses dois versos do poeta se articulam ao aforismo “Não há relação sexual”?

**Ana Helena Souza:** A autora explicita, em seu título, os dois termos sobre os quais ela se debruça: o amor e a não-relação sexual. Para o senso comum, o amor estaria do lado da poesia e dos poetas, e muitas vezes está, justo no sentido, dado por Lacan, daquilo que faz suplência à inexistência da relação sexual para os seres falantes. Baudelaire, ao apontar um desacordo para todos via “mal-entendido universal”, revela a universalidade da inexistência da relação sexual. Em francês,

a não-relação, *non-rapport*, traduz-se também por falta de proporção, de harmonia, de conformidade. Mais adiante no poema, o poeta diz que, se nos compreendêssemos, seria “por desgraça”. Leio nessa “desgraça” um *...ou pior*. O Um de gozo revelado, o Um-sozinho posto a nu, que lugar possível para o laço com o Outro? Onde, o amor? Então, o poeta se compensa do seu amargo saber. A linguagem continua a nos socorrer com seus mal-entendidos, a permitir acordos possíveis.

**Almanaque 36:** Está no texto: “Não se pode escrever xRy porque não há y, não há significante d’A Mulher. Não se pode, assim, escrever uma relação lógica entre homem e mulher, o que conduzirá Lacan a afirmar que a relação sexual é aquilo que “não cessa de não se escrever”. Como entra o amor nessa impossibilidade?

**Letícia Mello:** O texto de Sophie Marret-Maleval articula de forma precisa a função de suplência do amor à inexistência da relação



sexual. A premissa lacanian “Não há relação sexual” indica, conforme citado do Seminário 16 e em “Radiofonia”, que “o significante não é capaz de dar corpo a uma fórmula que seja da relação sexual” (LACAN, 1970/2003, p. 411). Essa impossibilidade simbólica é justificada, sobretudo, pelo fato de que a mulher é “não-toda” na lógica fálica, ou seja, não há um significante que represente a mulher universalmente. O falo simbólico não captura a totalidade do feminino. Assim, não havendo um significante d’A mulher, não há possibilidade lógica para uma relação entre os sexos. Isso quer dizer que não existe uma complementaridade natural entre os sexos, já que um dos lados, o lado feminino, não tem representação. Na falta de um significante que simbolize A mulher, Lacan anuncia que a relação sexual, como um encontro complementar entre um homem e uma mulher, é impossível; não há uma representação simbólica que os uniria. Segundo Lacan, o sexual não se escreve na linguagem, ele é uma experiência que escapa à totalidade simbólica. Esse registro é incapaz de dar conta da experiência sexual e toda tentativa de abordá-la através da linguagem falhará. Há algo indizível, um resto, um impossível de localizar. Sendo o real, portanto, aquilo que

escapa à linguagem, a não-relação sexual é justamente aquilo que “não cessa de não se escrever”. Considerando essa falta fundamental de significante no encontro entre dois sexos, Lacan conclui que o amor opera como compensação diante do impossível da relação sexual, ele tapa o vazio da não-relação. Sophie Marret-Maleval destaca em seu texto



que o amor é o que permite um “vínculo entre os inconciliáveis”. Ele alivia os ideais sem negar o real do impossível. O amor não é fusão, mas recurso para lidar com a falta de possibilidade da relação entre dois falasses. Ele “faz suplência” ao real no campo sexual. Como sintetiza a autora, o amor é uma “solução para a solidão fundamental”. O falasser é

marcado por essa solidão, decorrente da não-relação sexual. A linguagem, ao mediar a relação com o outro, acentua essa solidão, pois o significante é incapaz de escrever uma complementaridade entre os sexos. O amor opera uma ligação entre o Um e o Outro por intermédio do objeto *a*. Esse objeto é um recorte no real, um “pedaço de real”, é o objeto que falta e que coloca o Outro no lugar de causa de desejo. O amor é, então, uma “solução”, não uma redenção. Ele não elimina a solidão estrutural, mas oferece um arranjo contingente para suportá-la – um “acordo impossível” entre os sexos, mediado pelo desejo. O amor é o que enlaça, quando a estrutura impõe uma descontinuidade. Ele faz com que isso cesse de não se escrever, ou, mais precisamente, nota Lacan (1972-73/1985, p. 199), o que faz “passar a negação ao não cessa de se escrever, não cessa, não cessará”.

### Almanaque 36:

O amor é sempre recíproco, afirma Lacan. O que isso quer dizer?

### Beatriz Espírito Santo:

É importante localizarmos que Lacan afirma isso logo nas primeiras páginas do Seminário 20, considerado o período de seu último ensino. Este será seguido pelo ultimíssimo ensino a partir do capítulo 9 do Seminário



23, segundo Miller. No Seminário 19, ele introduz com bastante veemência a noção do Um sozinho e, no Seminário 20, se dedica a falar do amor. Acho interessante esse movimento entre o 19 e o 20, pois ele fala do Um que é só e, logo em seguida, como esse Um fará laço com o Outro – através do amor. O ultimíssimo ensino vai na direção do que há, Há-gozo, em contraponto ao que não há, não-há-relação-sexual. Então, como fica o amor e sua reciprocidade?

Um bebê que nasce está banhado pela linguagem na forma de lalíngua, mas ele mesmo é só um organismo que pulsa. É necessário a presença e o contato de outro humano para que possa surgir nele a intenção de entrada na linguagem. A partir daí, ele vai isolar de forma totalmente contingente um  $S_1$  que fará um furo nesse organismo de forma que, ao se apagar, vai marcar o corpo que agora já não será mais puro organismo. Esse  $S_1$ /letra inaugura o corpo pulsional, ainda como Um sozinho. No Seminário 10 (LACAN, 1962-63/2005), há um esquema muito simples, mas instrutivo, que mostra como em um tempo lógico posterior ocorre o encontro de um Sujeito sem barra com o Outro sem barra. Desse encontro surge tanto um sujeito

dividido, quanto o Outro dividido, e algo resta dessa operação: o objeto  $a$ . Esse objeto, singular, não é do sujeito e não é do Outro, ele cai, sobra, e está perdido para sempre. E, porque nos falta algo, vamos em direção ao Outro na esperança de que essa falta seja preenchida. De certa forma, é isso que Lacan vai chamar de amor: a demanda pela parte perdida, a crença de que dois podem fazer Um. Mas essa completude é impossível, ou seja: a relação sexual não existe.

O amor é recíproco, pois o sujeito procura no Outro esse objeto singular – crê que o Outro (um Outro específico, aquele que repete as condições do primeiro encontro) tenha esse objeto. É recíproco, pois

existe um vai-e-vem: o amor que tenho por ti é efeito do retorno da causa do amor que tu és para mim. Portanto, tu não estás aí à toa. Meu amor por ti não é só assunto meu, mas teu também. Meu amor diz alguma coisa de ti que talvez tu mesmo não conheças. (MILLER, 2021, p. 12)

Lacan (1972-73/1985, p. 12), ao dizer sobre essa reciprocidade, completa que “é por isso mesmo que se inventou o inconsciente”. Isso é muito bom! Veja que ele fala do movimento do Um sozinho em direção ao laço social da linguagem, na invenção que será o inconsciente. E esclarece, nessa mesma página, que o amor demanda o amor, *mais, ainda...*

**Almanaque 36:** No filme citado por Sophie Maleval – *Magia ao luar*, de Woody Allen –, de qual desacordo se trata?

**Tamira Bacha:** Nesse filme, o personagem Stanley, um mágico “ardoroso defensor da ciência”, considera tolos os que acreditam num mundo metafísico. Ele se diz um homem racional e profere, inclusive, que qualquer outro caminho o levaria à loucura. Stanley se dedicava a desmascarar falsos médiuns. A convite de um mágico conhecido que se dizia amigo, conhece Sophie, uma jovem mulher, que se apresentava como médium, telepata, como aquela que poderia “convocar o mundo invisível”. Aí podemos localizar o impasse entre esse par Stanley/Sophie: um homem que



se dizia racionalista, que não se deixava enganar, iludir, e uma mulher farsante, que desafia a razão, o bom senso. Não há complementariedade lógica entre eles. Porém, Stanley sucumbe ao sorriso enigmático e ao olhar de Sophie, quando é tomado pela alegria do tolo, um “truque” que ele não entende. O caráter irracional do sentimento amoroso pelo qual Stanley foi arrebatado o deixou cego às trapaças de Sophie. A própria Sophie aponta para o que rateia na relação, em uma de suas falas finais, quando Stanley, embaraçado, tenta convencê-la de desistir de se casar com outro homem e ficar com ele. Sophie então lhe diz: “Você é brilhante com um maço de cartas, mas é péssimo para me pedir a mão”.

**Almanaque 36:** No texto, há uma citação importante de “O mal-estar na civilização”, relacionada ao discurso da ciência que não quer saber sobre a pulsão de morte de

Freud. Poderia comentar essa passagem?

**Márcia Bandeira:** Esse trecho de “O mal-estar na civilização” que a autora cita traz uma reflexão profunda sobre o destino da civilização humana e sua eterna luta entre as forças da vida e da destruição. Essa passagem está diretamente ligada à teoria das pulsões em Freud, em que a pulsão de vida (Eros), representada pelo amor, cooperação e autoconservação, se opõe à pulsão de morte (Thanatos), que tende à desagregação, à destruição e ao retorno do estado inorgânico, manifestada como agressividade e autodestruição.

O domínio das forças da natureza pela ciência e tecnologia criou o poder do extermínio total. Os homens sabem disso e essa consciência da aniquilação iminente é, para Freud, a fonte de grande parte da “inquietação, infelicidade e angústia” contemporâneas.

Esse conflito descrito por Freud se agrava ainda mais hoje, pelo poder destrutivo da tecnologia moderna. O discurso da ciência só mantém a ilusão de que podemos compensar o fracasso, o sofrimento e o mau funcionamento

#### Referências

- LACAN, J. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. (Trabalho original proferido em 1972-73).
- LACAN, J. Radiofonia. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 400-447. (Trabalho original publicado em 1970).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 10: A angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão final de Angelina Harari e preparação de texto de André Telles; tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. (Trabalho original proferido em 1962-63).
- MILLER, J.-A. Entrevista a Jacques-Alain Miller. *Lacan XXI – Revista Fapol Online*, n. 10, p. 11-14, 2021. Disponível em: <https://www.lacan21.com/sitio/wp-content/uploads/2021/05/Lacan-21-n10-maio-2021-PORT.pdf>. Acesso em 10 jan. 2026.

# DE UMA NOVA GERAÇÃO

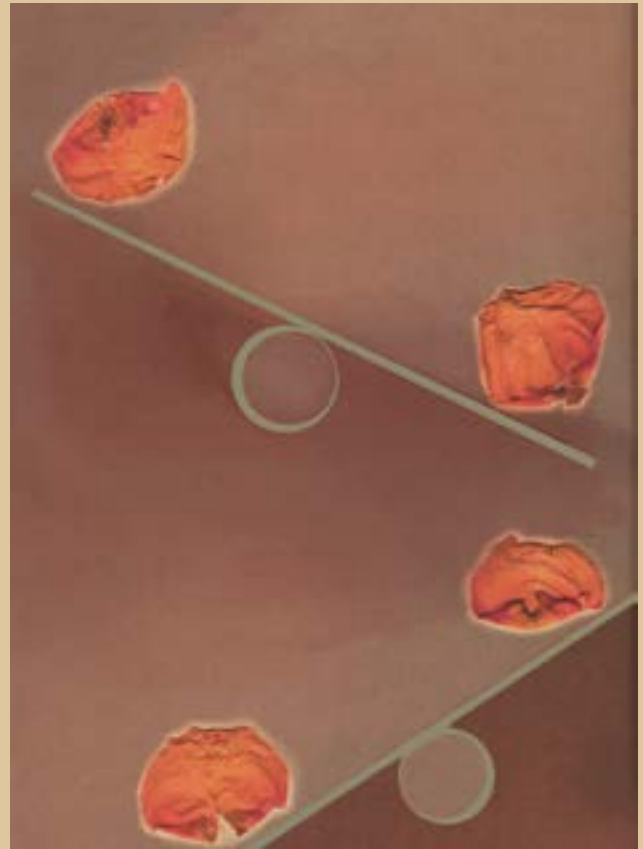
## O PENSAMENTO OBSESSIVO COMO OBJETO

*Rodrigo Goes e Lima*

Psicólogo (UFMG),  
Mestre em Filosofia (New School for Social  
Research),  
Doutorando em Psicologia (PUC Minas)  
E-mail: "rodrigogoesselima@gmail.com"

"E ele não conseguia entender e tentava afugentar aquele pensamento, por ser mentiroso, incorreto, doentio, e substituí-lo por outros pensamentos, corretos e saudáveis. Porém, aquele pensamento – não só o pensamento, mas também a realidade – surgia novamente e parava diante dele." (TOLSTOI, 1886/2023, p. 62)

Consideraremos, adiante, alguns aspectos daquilo que, para o sujeito obsessivo, se constitui enquanto "matéria-prima de seu sintoma" (SANTIAGO, 2024, s.p.), a saber: a categoria do pensamento. Já nos primeiros escritos psicanalíticos, Freud (1894/2006) descreve com clareza a maneira pela qual as representações obsessivas (*Zwangsvorstellungen*) se formam a partir do processo de deslocamento de afeto proveniente de outra representação, que, por apresentar certa incompatibilidade relativa à vida psíquica do sujeito, é recalçada. Em outras palavras, se no sujeito histérico o destino da carga afetiva ligada a uma representação tida como inadmissível para o aparelho psíquico seria a conversão, isso é, a inervação somática, na neurose obsessiva o afeto desvinculado da ideia original "fica obrigado a permanecer na esfera psíquica" (FREUD,



1894/2006, p. 66), investindo metonimicamente o próprio pensamento. Essa primeira comparação entre os processos subjacentes à histeria e à neurose obsessiva é, anos mais tarde, recapitulada por Freud (1909/2014) ao descrever os processos psíquicos por detrás da maneira pela qual o recalque opera em cada uma das neuroses. Não se trata apenas de uma questão de destino pulsional (seja o corpo, seja o pensamento) que separa a solução obsessiva da histérica. Há, também, uma particularidade de ação do recalque. Enquanto a efetivação do recalque histórico teria como marca fundamenal a amnésia, na neurose obsessiva o recalque tomaria, segundo Freud (1909/2014, p. 57), um caminho mais simples: "em vez de esquecer o trauma, subtraíu-lhe o investimento afetivo, de modo que na consciência resta apenas um conteúdo ideativo indiferente, tido como insignificante". Em suma, segue Freud (1909/2014), se a histérica teria a impressão de que um certo conteúdo psíquico fora esquecido há muito tempo, para o obsessivo *tem-se a impressão de que sempre se soube daquilo*.

---

Recolhemos da clínica casos nos quais esse tipo específico de cisão psíquica permite ao obsessivo nutrir, cultivar e devotar-se a uma ideia em segredo. Tal parece ser o caso de paciente que demora anos até se dar ao trabalho de narrar um pensamento em análise, não sem antes advertir o analista de que esse mesmo pensamento, por tanto tempo protegido, o acomete todos os dias.

---

Freud exemplifica a ambiguidade da faculdade de “conhecimento” do obsessivo em bem-humorada nota de rodapé, ao dizer que os garçons que costumavam servir Schopenhauer no restaurante que frequentava em Frankfurt o conheciam, mas certamente não como o conhecemos hoje. Por mais que tal cisão do conhecimento obsessivo não nos traga nenhuma novidade, se a considerarmos como exemplo da conhecida definição lacaniana do inconsciente como um “saber que não se sabe” (LACAN, 1972-73/1985, p. 129), ela parece permitir considerar uma interessante particularidade clínica a respeito dos processos psíquicos envolvidos na operação de recalque. Se, como Freud (1909/2014) propõe, estamos aqui lidando com dois tipos de *Verdrängung*, poderíamos também entender que cada uma delas implica em posições subjetivas e formas de satisfação neurótica diferentes relativas ao material evitado. Recolhemos da clínica casos nos quais esse tipo específico de cisão psíquica permite ao obsessivo nutrir, cultivar e devotar-se a uma ideia em segredo. Tal parece ser o caso de paciente que demora anos até se dar ao trabalho de narrar um pensamento em análise, não sem antes advertir o analista de que esse mesmo pensamento, por tanto tempo protegido, o acomete todos os dias. Por mais aterrorizadora que tal ideia lhe seja e a despeito da vergonha que age no sentido da resistência a comunicá-lo devido a seu julgamento moral, hipotetiza-se que a parti-



cularidade do mecanismo do recalque obsessivo concede ao sujeito a possibilidade de estabelecer com seu próprio pensamento uma parceria particular.

---

**“é totalmente difícil descartar que é em Freud que encontramos também que o pensamento é um modo perfeitamente eficaz e, de alguma forma, suficiente em si mesmo, de satisfação masturbatória.” (LACAN, 1961-62/2003, p. 19).**

---

Argumenta-se, assim, que no obsessivo, a retenção do pensamento como simulacro de um objeto precioso possibilitado por uma peculiaridade do mecanismo de recalque dessa neurose permite extrair da faculdade do pensar a cota máxima de satisfação sexual. Não faltam instâncias em Freud e Lacan que constatarem o caráter sexualizado do pensamento, seja no destaque dado por

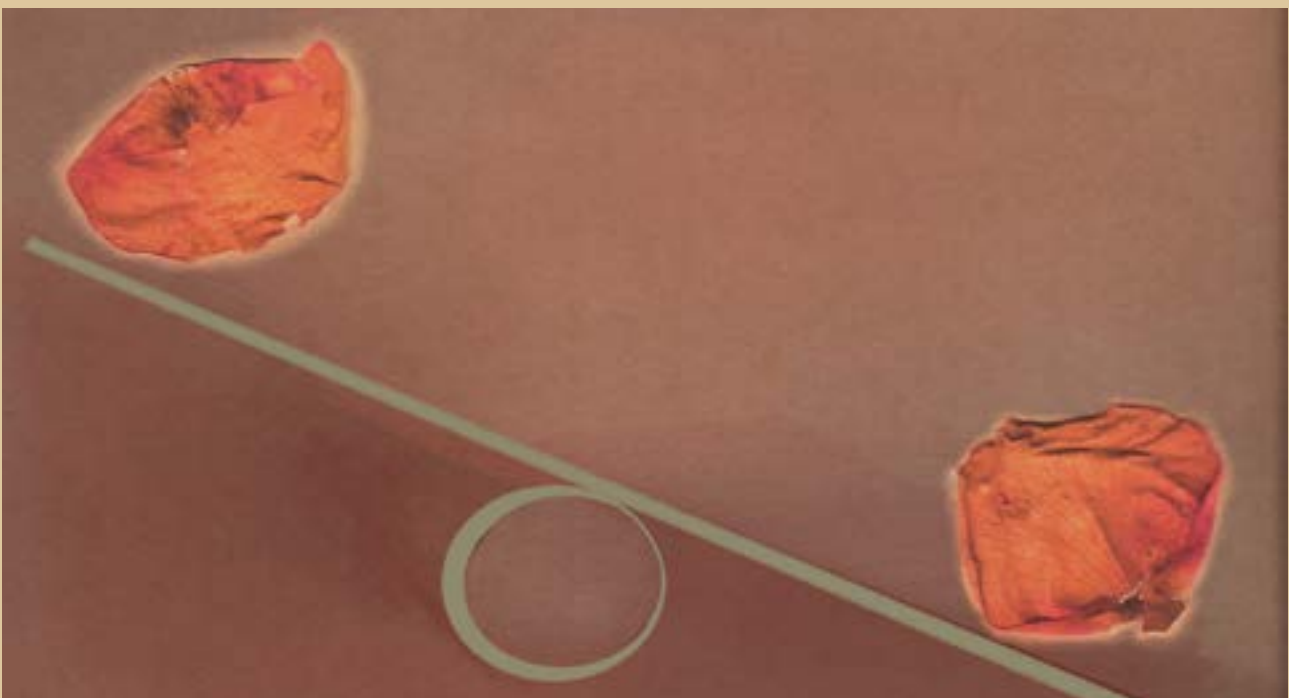
Freud (1909/2014, p. 107) em “O Homem dos Ratos” sobre o prazer sexual derivado do ato de pensar, seja na equivalência entre pensamento e gozo atribuída por Lacan (1972-73/1985, p. 96) no Seminário 20, seja ainda na articulação entre o pensar e a masturbação no Seminário 9: “é totalmente difícil descartar que é em Freud que encontramos também que o pensamento é um modo perfeitamente eficaz e, de alguma forma, suficiente em si mesmo, de satisfação masturbatória.” (LACAN, 1961-62/2003, p. 19).

A partir da articulação sugerida, destaco dois desdobramentos clínicos derivados do uso particular do mecanismo do recalque na neurose obsessiva que convida à prevalência do pensamento. Em primeiro lugar, ressalta-se que tal retenção do objeto de satisfação, que faz do pensamento algo de natureza quase *tátil*, passível de ser manipulado obsessivamente a trabalho do gozo neurótico, estaria justamente atrelada à perda da realidade na neurose, aspecto relevante para fins diagnósticos (CARVALHO; BARROS, 2017). O segundo ancora-se no argumento lacaniano de que as dificuldades do âmbito do pensamento encontradas no obsessivo podem ser atribuídas ao fato dele acreditar que “não é tanto por ser culpado que me é difícil sustentar-me e progredir, mas por ser absolutamente necessário que aquilo que penso seja de mim, e nunca do vizinho, de um outro” (LACAN, 1960-61/1992, p. 252). Ambas as in-

dicações apontam para diferentes possibilidades de se considerar, a cada caso, o papel da transferência na perturbação da defesa contemplativa, em particular no que diz respeito ao caráter compulsoriamente autoerótico do pensamento obsessivo enquanto objeto.

#### Referências

- CARVALHO, F.; BARROS, R. Semiologia do pensamento e da linguagem: do juízo de realidade ao delírio universal. In: TEIXEIRA, A.; CALDAS, H. (Orgs). *Psicopatologia Lacaniana: Semiologia*. Vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- FREUD, S. As neuropsicoses de defesa. In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol. III, 2006. (Trabalho original publicado em 1894).
- FREUD, S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”]. In: *Obras Completas: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”]*, uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos. Vol. 9. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Trabalho original publicado em 1909).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. (Trabalho original proferido em 1972-73).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 8: A transferência*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de Dulce Duque Estrada; revisão de Romildo do Rêgo Barros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. (Trabalho original publicado em 1960-61).
- LACAN, J. *O seminário, livro 9: A Identificação*. Tradução de Ivan Correia e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. (Trabalho original proferido em 1961-62).
- SANTIAGO, J. Arrancar o obsessivo do domínio do olhar. *Corpografias: Seção Sul, EBP [Florianópolis/Curitiba]*, set. 2024. Disponível em: <https://ebp.org.br/sul/arrancar-o-obsessivo-do-dominio-do-olhar1/>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- TOLSTOI, L. A morte de Ivan Ilitch. Tradução de Lucas Simoni. Rio de Janeiro: Editora Antofágica, 2023. (Trabalho original publicado em 1886).



# O QUE É UM ANALISTA? CONVERSAS DE PSICANÁLISE, SISMOS E RESTOS

*Munyeke Paulo Rodrigues*

Aluna do Curso de Psicanálise do IPSM-MG

E-mail: munyke@gmail.com

Os pensamentos emergem de súbito, sem que se saiba de onde vêm, nem se possa fazer algo para afastá-los.  
(FREUD, 1917/1996)

No dia 22 de maio de 1960, a cidade de Valdivia, no Chile, foi sacudida pelo sismo de maior magnitude já registrado. Os sismos se apresentam aos geólogos como um enigma, uma cicatriz vibrante que adverte: o planeta continua em formação. As palavras de Miller (2023, p. 406) – “A formação se prolonga, se eterniza, não é mais uma formação, é um modo de vida” – ressoam sob a forma da pergunta: a formação do analista seria comparável à uma zona sísmica?

**Ser judeu em Viena, decifrar os golpes sofridos pelo amor próprio da humanidade, garimpar os restos perdidos nos aluviões onde o garimpeiro, em sua solidão, irá batear, recolher entre os seixos vestígios singulares de uma zona profunda e íntima da terra, restos da ficção estruturada sob a forma de poeira ou linguagem.**



Uma frase de Lacan (1953-54/1986, p. 91) sempre se apresentou enigmática:

Vocês não imaginam, meus pobres amigos, o que devem à geologia. Se não houvesse geologia, como chegar a pensar, que se pudesse passar, no mesmo nível, de uma camada recente a uma camada muito anterior? Não seria mal, digo de passagem, que todo analista comprasse um livrinho de geologia.

Há muitas maneiras de se experimentar a zona de subducção, ponto onde duas placas tectônicas se chocam e produzem grandes acontecimentos como os terremotos. Ser judeu em Viena, decifrar os golpes sofridos pelo amor próprio da humanidade, garimpar os restos perdidos nos aluviões onde o garimpeiro, em sua solidão, irá batear, recolher entre os seixos vestígios singulares de uma zona profunda e íntima da terra, restos da ficção estruturada sob a forma de poeira ou linguagem. Sobre esses dejetos, Miller (2025, p. 246) diz que “trata-se do que é recusado, especialmente recusado no término de uma operação, da qual se retém apenas o ouro, a substância preciosa trazida por ela”. A formação do analista consistiria na redução que se produz ao ser atravessado por essa zona inquietada, vibrante, sempre disjunta, que detém



“um saber que sabe o que eu não sei, e que ainda sim, rege a minha vida” (DESSAL, 2019, p. 61, tradução nossa)?

Como afirma Osvaldo Delgado (2020, p. 59), a instauração da psicanálise na cultura moderna produz uma fissura impossível de suturar no ideal da razão: o inconsciente.

A formação da terra se iniciou há 4.5 bilhões de anos sob a forma de um supercontinente que foi rachado em imensas placas, solução encontrada para comportar a energia produzida no seu interior. Nos movimentos entre “a ruptura, a fenda, o traço da abertura faz surgir uma ausência” (LACAN, 1964/2008, p. 33), e é nesses pontos, as zonas de subducção, onde uma placa é destruída, que uma imensa cordilheira se faz surgir, com os restos, os dejetos nas cunhas de acreção, formando minerais únicos, raros, índices de uma energia gritante que se propaga no silêncio ensurdecedor da vibração, caindo, em seguida, no esquecimento. Nas palavras de Miller (2023, p. 417), “a verdadeira formação consiste sempre em saber ignorar o que se sabe”.

Freud ocupou-se, durante sua vida, da formação do analista. Diante da impossibi-

lidade de se tornar analista somente pelo estudo da bibliografia analítica, propôs a supervisão e uma análise infinita como uma maneira de assegurar a continuidade da psicanálise.

Se a análise é finita e infinita e analisar “aquela terceira das profissões impossíveis, em que se tem certeza de antemão do resultado insuficiente” (FREUD, 1937/2017, p. 355), de que fenda poderia advir um analista?

---

**Ao avançarmos nas elaborações, a pergunta sobre o que é um analista se torna mais ressonante; as teorias se tornam incapazes de responder, confirmando que o saber teórico não resolve a questão.**

---

Osvaldo Delgado (2007) afirma que Freud, ao ressaltar a análise como a maneira de se tornar um analista, marca que, além da experiência do inconsciente, haveria uma mutação pulsional, adquirindo uma posição inédita para tratar o mal-estar, uma reestruturação do próprio desejo. A psicanálise se apresenta, então, como uma possibilidade da humanidade passar da salvação pelos ideais à salvação pelos dejetos. Da mesma forma, o que salva os psicanalistas da debilidade é “terem conseguido fazer de sua posição de dejetivo o princípio de um novo discurso” (MILLER, 2025, p. 249).

Para investigar a pergunta sobre o que é um analista, voltemo-nos para dois escritos de Lacan: a “Proposição de 9 de Outubro de 1967” e a “Nota italiana”. Na “Proposição”, Lacan (1967/2003, p. 243) estabelece: “Antes de mais nada, um princípio: o psicanalista só se autoriza de si mesmo”. E acrescenta, na “Nota italiana” (LACAN, 1973/2003, p. 308): “Pois afirmei, por outro lado, que é do não-tudo que depende o analista”. Estaríamos diante de uma falta de garantia para responder à pergunta: o que é um analista?

Ao avançarmos nas elaborações, a pergunta sobre o que é um analista se torna mais ressonante; as teorias se tornam incapazes

de responder, confirmando que o saber teórico não resolve a questão. Então, o que se espera obter na análise, para que o analisante passe a analista? Lacan (1967/2003, p. 254) afirma: “A passagem de psicanalisando a psicanalista tem uma porta cuja dobradiça é o resto que constitui a divisão entre eles, porque essa divisão não é outra senão a do sujeito do qual esse resto é a causa”.

Sendo o analista o que se decanta da experiência de análise, Lacan diz sobre o surgimento de um desejo inédito que permitirá ao analista ocupar uma posição de onde não se demanda nada, de encarnar o lugar de resto, de objeto *a*. Assim, podemos compreender que a ideia da mutação pulsional proposta por Freud é retomada por Lacan sob a forma do desejo do analista. Quanto aos restos sintomáticos, eles seriam mais que uma marca, mas o estilo de cada analista.

Sobre o grande terremoto de Valdivia, muitos habitantes não lembram de detalhes, somente da vibração no corpo e do ruído ensurdecedor. Também “os analistas, uma vez estabelecidos na profissão, não pensam mais sobre os fundamentos que os tornaram analistas. Há, em geral, um esquecimento do ato do qual são oriundos” (MILLER, 2011, p. 45).

Ressoa a questão: o que ainda persiste no livrinho de geologia?

#### Referências

- FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XVII, 1996. (Trabalho original publicado em 1917).
- FREUD, S. A análise finita e a infinita. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 28-115. (Trabalho original publicado em 1937).
- DELGADO, O. Adquisición de la aptitud de analista. In: *XIV Jornadas de Investigación y Tercer Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur*. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2007.
- DELGADO, O. El pase de Freud. *Revista Psicoanálisis en la Universidad*, n. 4, p.57-62, 2020.
- DESSAL, G. *Inconsciente 3.0. Lo que hacemos con las tecnologías y lo que las tecnologías hacen con nosotros*. Barcelona: Xoroi Edicions, 2019.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986. (Trabalho original proferido em 1953-54).
- LACAN, J. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. (Trabalho original proferido em 1964).
- LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psica-

nalista da Escola. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 248-264. (Trabalho original publicado em 1967).

LACAN, J. Nota italiana. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 311-315. (Trabalho original publicado em 1973).

MILLER, J.-A. *Perspectivas dos “Escritos” e “Outros escritos” de Lacan*. Tradução de Vera Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

MILLER, J.-A. *Como terminam as análises: paradoxos do passe*. Tradução de Vera Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2023.

MILLER, J.A. *A salvação pelos dejetos*. In: *A fábrica de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2025.

